



A ESCOLHA DA CARREIRA





DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA / DEZEMBRO DE 2008

VOLUME 13 / NÚMERO 12

<http://www.america.gov/publications/ejournalusa.html>

Programas de Informações Internacionais:

Coordenador	Jeremy F. Curtin
Editor executivo	Jonathan Margolis

Diretor de criação	George Clack
Editor-chefe	Richard W. Huckaby
Editora-gerente	Charlene Porter
Gerente de produção	Susan L. Doner
Assistente de gerente de produção	Sylvia Scott
Produtora Web	Janine Perry

Editora de cópias	Rosalie Targonski
Editora de fotografia	Ann Monroe Jacobs
Projeto da capa	David Hamill
Ilustração da capa	Barton Stabler/Corbis
Especialista em referências	Martin Manning
Revisora do português	Marília Araújo

O Bureau de Programas de Informações Internacionais do Departamento de Estado dos EUA publica uma revista eletrônica mensal com o logo *eJournal USA*. Essas revistas analisam as principais questões enfrentadas pelos Estados Unidos e pela comunidade internacional, bem como a sociedade, os valores, o pensamento e as instituições dos EUA.

A cada mês é publicada uma revista nova em inglês, seguida pelas versões em francês, português, espanhol e russo. Algumas edições também são publicadas em árabe, chinês e persa. Cada revista é catalogada por volume e por número.

As opiniões expressas nas revistas não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA. O Departamento de Estado dos EUA não assume responsabilidade pelo conteúdo nem pela continuidade do acesso aos sites da internet para os quais há links nas revistas; tal responsabilidade cabe única e exclusivamente às entidades que publicam esses sites. Os artigos, fotografias e ilustrações das revistas podem ser reproduzidos e traduzidos fora dos Estados Unidos, a menos que contenham restrições explícitas de direitos autorais, em cujo caso é necessário pedir permissão aos detentores desses direitos mencionados na publicação.

O Bureau de Programas de Informações Internacionais mantém os números atuais e os anteriores em vários formatos no endereço <http://www.america.gov/publications/ejournalusa.html>. Comentários são bem-vindos na embaixada dos EUA no seu país ou nos escritórios editoriais:

Editor, *eJournal USA*
IIP/PUBJ
U.S. Department of State
301 4th Street, SW
Washington, DC 20547
United States of America
E-mail: eJournalUSA@state.gov

Sobre Esta Edição

“Lute pela sua vida”, algumas crianças americanas estão dizendo hoje. “Lute do seu jeito” e “Faça suas próprias coisas” são os slogans que alguns compositores nos deixaram. “Faça o que quiser fazer.”

Diferentes culturas e diferentes gerações entoaram muitos lemas sobre aquela fase da vida em que nos tornamos adultos e fazemos escolhas difíceis para o futuro.

Lemas como esses fazem parecer que se tornar um adulto completo é uma aventura absolutamente maravilhosa. Mas a verdade é que a maioria dos jovens também está preocupada em encontrar algum tipo de trabalho interessante que lhes proporcione uma renda para ter uma vida confortável.

Chamemos isso de escolher a profissão, ganhar a vida ou apenas conseguir um emprego, todo mundo gostaria de encontrar uma maneira de ter um trabalho estimulante e ao mesmo tempo conseguir pagar as contas. Qual o segredo? Nenhuma palavra mágica, nenhuma fórmula misteriosa fará isso para você, mas conseguimos selecionar alguns conselhos com a intenção de mostrar uma certa direção.

Nas páginas seguintes, pedimos a vários americanos para nos contar como encontraram o caminho

para uma carreira que fosse certa para eles e o que aprenderam nessa jornada. Eles nos contam a parte boa, mas não deixam de lado os maus momentos nem os atalhos errados. Você conhecerá pessoas que encontraram sua vocação fazendo trabalhos pesados de pouca remuneração. Muitos contarão como suas famílias influenciaram suas escolhas. Outros descrevem os anos passados seguindo um rumo, só para aprender

que o caminho a seguir era outro.

Esta edição também contém alguns conselhos de especialistas que se realizaram profissionalmente ajudando outras pessoas a encontrar a profissão certa. Eles podem ajudá-lo a descobrir quais habilidades, credenciais e paixões você deve usar na busca por uma carreira.

São histórias diferentes, mas na verdade são todas sobre a mesma coisa: autodeterminação, capacitação, auto-suficiência, sonhar seu próprio sonho e encontrar uma maneira de chegar lá.

—Os editores



Barton Stabler/Photodisc/Getty Images



DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA / DEZEMBRO DE 2008 / VOLUME 13 / NÚMERO 12

<http://www.america.gov/publications/ejournals.html>

A Escolha da Carreira

- 4 O Que Você Tem a Oferecer ao Mundo**
RICHARD N. BOLLES
Renomado especialista em planejamento de vida aconselha sobre como olhar para si mesmo e identificar suas habilidades e pontos fortes.
- 6 A Cultura Afeta a Carreira e o Planejamento de Vida**
RICHARD N. BOLLES
O mesmo especialista explica como diferentes pontos de vista culturais afetam o planejamento profissional.
- 10 Parabéns, pessoal: Diretor Executivo da Dell Computers**
Breves artigos baseados em trechos de discursos pronunciados por pessoas de destaque a formandos de várias faculdades e universidades. Em inglês, usa-se a palavra “Congraduations”, uma mistura de “congratulations” (parabéns) e “graduation” (formatura).
- 11 Um Rio me Conduz**
JEFF RENNICKE
Escritor da vida ao ar livre descreve como a natureza o atraiu para uma profissão.
- 13 Parabéns, pessoal: Diretor Executivo da American Express Kenneth I. Chenault**
- 14 Chili, Cachorros-Quentes e o Legado de Família**
JEANNE HOLDEN
O restaurante Ben’s Chili Bowl, em Washington, DC, é um negócio de família, agora na segunda geração, dedicado aos clientes e à comunidade.
- 17 Construir Memórias para Ganhar a Vida**
WALTER SCHEIB
Ex-*chef* da Casa Branca explica seu amor pela hotelaria.
- 19 Parabéns, pessoal: Governador da Califórnia, Arnold Schwarzenegger**
- 20 Jogador de Games Chega ao “Darkest of Days”**
BILL WADLEIGH
Produtor de videogame descreve como passou a sonhar com o emprego que ele não sabia que queria..
- 22 Um Tributo a Trabalhos Sujos, Difíceis e Perigosos**
Entrevista com o apresentador de TV Mike Rowe, do programa *Trabalho Sujo* da Discovery Channel, que discute o valor do trabalho sujo e as qualidades das pessoas que trabalham nesse setor.
- 26 Nadando com tubarões**
Em seu blogue, Mike Rowe descreve como mergulhou no meio de tubarões famintos.
- 27 Parabéns, pessoal: Juiz da Suprema Corte Stephen Breyer**
- 28 Escolha de Profissão em Tempos de Mudança**
PHYLLIS MCINTOSH
As novas tecnologias e a reestruturação econômica criaram um ambiente diferente para a escolha da profissão e a procura por emprego.

31 Prestando Serviço Público, Ganhando uma Profissão

STOBHAN DUGAN

Os participantes do AmeriCorps, o programa nacional de serviço da juventude, descobrem habilidades e ganham experiência que os ajudam a escolher uma carreira profissional.

33 Mais Poder às Comunidades

GWEN MOORE

Gwen Moore, hoje parlamentar do Congresso dos EUA, lembra sua experiência nos Voluntários a Serviço dos EUA em Milwaukee, Wisconsin.

36 Parabéns, pessoal: Cantor pop Billy Joel

37 Cada Chamada é Diferente

ANDREA CLARK

Bombeira deixou a carreira de engenheira eletrônica para trabalhar nos serviços de emergência.

39 O Ingresso na Faculdade

A organização não-governamental Cúpula das Faculdades trabalha em dez estados para estimular alunos promissores do ensino médio a frequentar a faculdade.

41 Abra seus Olhos

ELDON HARMON

Veterano da Cúpula das Faculdades relembra sua experiência.

43 Jornada de Mudanças

MAGGIE LEFFLER

Médica-romancista explica por que seguiu duas carreiras.

45 Recursos Adicionais

Livros, artigos, sites e filmes sobre a escolha de uma carreira.

O Que Você Tem a Oferecer ao Mundo

Richard N. Bolles

Especialista em planejamento de vida, Richard N. Bolles, autor do livro Qual a Cor do Seu Para-Quedas?, oferece alguns conselhos sobre como identificar as habilidades que você possui e que o conduzirão à carreira profissional almejada.

Há anos dou *workshops* freqüentados por pessoas do mundo todo — pobres, ricas, jovens, idosas, instruídas ou não. Descobri que todas as pessoas — e quero dizer exatamente *todas* — têm pelo menos 500 habilidades. A questão é: de que tipo e quais?

Todos nós nascemos com talentos; todos nós nascemos com “habilidades”, até mesmo os portadores de graves deficiências. Observe um bebê quando aprende, compreende e coloca informações em prática. As habilidades que todas as crianças têm são impressionantes!

Observe suas habilidades, examine-as e perceba que são talentos que você oferece ao mundo.

Existem basicamente três tipos de habilidades, e é útil pensar neles em três categorias: verbos, substantivos e adjetivos.

Algumas de nossas habilidades são verbos, coisas que fazemos.

Como: curar, costurar, construir, dirigir, comunicar, persuadir, motivar, negociar, calcular, organizar, planejar, memorizar, pesquisar, sintetizar, etc. Essas são suas habilidades transferíveis ou funcionais. São também chamadas de talentos, dons e “habilidades naturais”.

São freqüentemente forças inatas. Algumas pessoas, por exemplo, nascem sabendo negociar, mas se não é o seu caso você pode, em geral, aprender à medida que cresce. Assim, algumas dessas habilidades são “adquiridas”. Essas habilidades muito raramente se perdem.

Elas são as chamadas habilidades transferíveis porque podem ser transferidas de uma atividade para outra e usadas em vários campos, independentemente da freqüência com que você muda de profissão.



© Tomas Ovalle, The Fresno Bee/AP Images



© Jack Haley/Daily Messenger/AP Images

Algumas pesquisas mostram que pessoas que trabalham em atividades relacionadas com cuidar, ensinar ou proteger os outros apresentam os níveis mais altos de satisfação no trabalho. Pessoas que atuam em ocupações criativas também relatam altos níveis de satisfação em seu trabalho. Professora da pré-escola (acima) na Califórnia ensina os alunos a correr sobre a grama e não sobre o cimento

Alunos em um programa de ensino profissionalizante no norte do estado de Nova York recebem treinamento sobre habilidades de assistência veterinária

Essas habilidades são coisas que você faz bem em um desses três universos: pessoas, coisas ou dados/informações idéias.

A maioria de nós tem inclinação para trabalhar primeiramente com pessoas, coisas ou dados. E por quê? Porque é nesses campos que usamos as habilidades de que mais gostamos.

Algumas de suas habilidades são substantivos, temas e



© Matt Houston/AP Images

Simmie Knox é artista de Maryland e o primeiro pintor afro-americano a receber uma encomenda para fazer um retrato do presidente dos EUA

assuntos que você entende bem.

Como: computadores, inglês, antiguidades, flores, cores, moda, Microsoft Word, música, equipamentos agrícolas, dados, gráficos, Ásia, japonês, o mercado de ações, etc.

Essas são suas chamadas habilidades substantivas ou habilidades de conhecimento. São assuntos sobre os quais você sabe algo e que gosta de empregar em seu trabalho. São freqüentemente chamadas de “suas especialidades”.

Você as adquiriu com o passar dos anos, por meio do aprendizado (formal ou informal), como a escola, a vivência, os livros ou um mentor. Quais delas você realmente adora usar? Esse é o segundo conjunto de habilidades que você tem a oferecer ao mundo.

Adjetivos e advérbios são o terceiro tipo de habilidades.

Como ser: preciso, adaptável, criativo, confiável, flexível, metódico, persistente, pontual, responsável, autoconfiante, educado, gentil, atencioso, etc.

Essas são suas características pessoais. Características pessoais são as formas como você controla a si mesmo,

o modo como se disciplina. Elas conferem estilo às suas habilidades transferíveis. São freqüentemente desenvolvidas somente por meio da experiência.

Nas conversas cotidianas, falamos de nossas características pessoais como se elas flutuassem livremente no ar: “Eu sou confiável; sou criativo; sou pontual.” Mas, na realidade, as características pessoais estão sempre ligadas às nossas habilidades transferíveis, como adjetivos ou advérbios.

Por exemplo, se a sua habilidade predileta é “pesquisar”, suas características pessoais descrevem ou modificam o modo como você faz sua “pesquisa”. Você o faz de modo metódico, criativo ou confiável?

Esses estilos, essas autodisciplinas são a terceira coisa que você tem para oferecer ao mundo.

O modo como você combina esses três tipos de habilidades é o que faz de você um ser único.

Portanto, é importante que você descubra quais são os tipos de atividade que necessitam das habilidades



© Matt Rourke/AP Images

Tricia Borneman, à direita, trabalha em um mercado de produtores agrícolas na Filadélfia. Ela faz parte de uma nova safra de agricultores florescente no país; eles têm formação universitária e deixaram outras profissões para se dedicar à agricultura

transferíveis, do conhecimento e das características pessoais que você mais gosta de usar. Acima de tudo, você nasceu porque o mundo precisa do que você tem a oferecer com exclusividade. ■

Este artigo é uma adaptação do texto contido no site oficial do livro de Bolles Qual a Cor do Seu Pára-Quedas? , <http://www.jobhuntersbible.com>. Reproduzido com permissão

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

A Cultura Afeta a Carreira e o Planejamento de Vida

Richard N. Bolles



© Beбето Matthews/AP Images

Esta feira de empregos foi patrocinada pela Universidade Municipal de Nova York para reunir formandos, ex-alunos e empregadores em busca de funcionários

A maneira como os jovens escolhem suas profissões varia enormemente de um país para outro, e os padrões estabelecidos em cada um deles podem exercer grande influência.

Richard N. Bolles é o autor de Qual a Cor do Seu Para-Quedas?, guia para procura de empregos e escolha de profissão que teve 10 edições publicadas nos últimos 30 anos e foi traduzido para mais de 20 línguas.

Vamos começar com uma história. Imagine um belo vale, repleto de árvores frutíferas de todos os tipos. Alguém lhe diz que todos os frutos da árvore que escolher serão seus. Para facilitar sua escolha, uma pequena mesa é colocada na entrada do vale, na qual é possível provar o sabor de diversos frutos para saber qual você prefere. Ao terminar a degustação, você deverá apontar para o fruto escolhido. Você será conduzido através do vale até chegar a essa bela árvore “Esta é sua árvore”, dizem-lhe.

Mas em vez de uma forte emoção, o seu sentimento é de desânimo ao ver que o fruto mais baixo encontra-se a sete metros do chão. Embora em tese o fruto escolhido lhe pertença, a verdade é que você não consegue alcançá-lo.

O que resta é aceitar a frustração de que seu fruto favorito estará para sempre fora do seu alcance ou encontrar uma forma de alcançá-lo.

Primeiro, você procura derrubar alguns dos frutos atirando pedras nos ramos mais baixos da árvore. Quando isso não funciona você busca outra opção. Você então reúne um grupo de amigos, que formam uma pirâmide viva, um sobre os ombros do outro, e então levantam-no como um acrobata até o topo dessa pirâmide humana sobre a qual você então

poderá alcançar o fruto. Mas os amigos são instáveis e a pirâmide sob você logo começa a desmoronar. Então uma última idéia vem à sua mente. Você retira um livro da biblioteca e, com o conselho e a ajuda prática daqueles mesmos amigos, aprende a construir uma escada de madeira ou de bambu de nove metros. Uma vez pronta, ela pode ser levada de um lado para o outro sob a árvore, e é possível colher o delicioso fruto do desejo.

Uma vez em posse do fruto, você deixa o vale pelo outro extremo onde encontra um inspetor cujo objetivo é certificar-se de que o fruto realmente lhe pertence antes de lhe permitir que o conserve.

Você pode ter adivinhado que essa é uma parábola ou alegoria destinada a nos ajudar a formar um quadro geral de como é buscar uma carreira nos Estados Unidos, com suas quatro fases:

A escolha de uma profissão que seja do seu agrado. Ela é representada pela degustação do fruto na entrada do vale.



© Ben Margot/AP Images

Richard N. Bolles, visto aqui na Califórnia, é o autor de *Qual a Cor do Seu Para-Quedas?*, o livro de orientação vocacional mais vendido de todos os tempos, segundo a editora Ten Speed Press

A procura de emprego. Ela é representada inicialmente pela impossibilidade de alcançar o fruto. Eis a principal verdade deste artigo: A escolha de uma profissão quando não acompanhada de habilidades na busca por um emprego é “infrutífera”. São duas partes de um todo indivisível. Sem as habilidades requeridas na busca por um emprego, a escolha de uma profissão não passa de um sonho. Sem que se escolha uma profissão, procurar um emprego não é mais do que um perambular. Perambular ou sonhar: essas são as conseqüências de dominar apenas um aspecto da busca por emprego como é feita nos Estados Unidos.

Os vários métodos de procura de emprego. Eles são representados pelas pedras, a pirâmide humana e a escada. Os métodos mais usados na procura de emprego nos Estados Unidos são o envio de currículos (jogar pedras na árvore, esperando que alguns frutos caiam no chão); redes de contato (construir uma pirâmide humana para alcançar o fruto); e/ou capacitação, tornando-se para sempre um caçador de empregos bem-sucedido ao usar a presente crise para aprender como lidar com esse tipo de situação para o resto de sua vida. Para alcançar seu intento, deverá fazer um inventário de suas habilidades, aprendendo a demonstrá-las e depois identificando as necessidades dos empregadores visados (isso é representado pela construção de uma escada permanente).

Ser bem-sucedido na entrevista com um empregador em potencial. Isso é representado, em nossa parábola, pelo posto de inspeção na saída do vale na extremidade mais distante.

Tendo essa parábola sobre o sistema profissional dos EUA como pano de fundo, veremos como o processo de escolha de uma profissão e a procura de um emprego (um tópico indivisível) difere desse modelo em outros países do mundo. Não se esqueça de que em cada país esse processo é como um arco-íris. Podemos selecionar ou discutir uma cor predominante em determinado país, mas as outras cores estão sempre presentes em um ou outro grau. Portanto, é ridículo afirmar que todo país possui um único método de lidar com a escolha de uma profissão ou a procura de um emprego; geralmente existem tantas exceções quantas são as “regras”. Podemos falar somente em termos de pressupostos, tendências ou modismos predominantes, e eles freqüentemente ocorrem apenas entre algumas classes sociais de determinado país.

Com essas advertências em mente, catalogaremos a seguir as variações existentes no mundo. Olhem para os arco-íris:

A escolha de uma profissão. Em todo o mundo, algumas pessoas simplesmente “cairão” em uma profissão por acidente ou casualidade; por conseguinte, a “escolha de uma profissão” não é algo enormemente valorizado ou esperado; em tais culturas, os jovens não sabem nem o que querem, nem têm a perspectiva de eles próprios se questionarem. Por outro lado, no outro extremo de nosso arco-íris, em alguns países, a escolha de uma profissão é certamente esperada, mas a família toda escolhe qual profissão você deverá seguir. Trata-se de uma escolha conjunta, não individual — com base em qual profissão conferirá maior prestígio, ou “projeção” para a família como um todo. (Em muitas culturas, a “projeção” se refere à reputação da família ou do indivíduo ou à sua posição na sociedade.) Vale a pena observar que as sociedades que não usam o vocabulário da “projeção” freqüentemente tomam esse conceito como base para seu sistema de escolha de uma profissão: Será que uma determinada profissão tem a capacidade de automaticamente imprimir respeito e conferir uma posição social privilegiada ao indivíduo ou à família? Geralmente, engenheiros, médicos e professores ocupam as posições mais elevadas, enquanto empresários e políticos ocupam as mais baixas. A escolha individual é limitada por considerações desse tipo.

A procura por um emprego. Em algumas culturas, ou pelo menos entre determinadas classes, não há muita escolha quanto à melhor forma de procurar um emprego. O método de procura por um emprego é prescritivo e até mesmo ritualístico: “Há uma ordem nas coisas; essa é a forma como deve ser feita.” Na Irlanda do Norte, por exemplo, a lei exige que os candidatos a determinados empregos do Estado sejam submetidos exatamente às mesmas perguntas. Em outros países, o ritual pode não ter status de lei, mas pode ser uma expectativa fortemente prescrita. Em alguns países da América Latina ou do Sul, por exemplo, espera-se que o candidato envie às empresas que despertam seu interesse um pacote com dez páginas ou mais, antes de uma entrevista. Esse pacote deve incluir um currículo de três a cinco páginas (às vezes mais), históricos escolares, certificados, fotocópias de diplomas, cartas de recomendação de empregadores anteriores, etc. A idéia é passar credibilidade — “Eu sou quem eu digo que sou” — antes que as empresas peçam essa comprovação. Algumas culturas (como na Europa) mantêm a crença quase inabalável de que o sistema de busca por emprego funciona de forma bem ordenada e prescrita — mesmo quando há toneladas de evidência de que isso simplesmente não é verdade. Mesmo parte dos Estados Unidos não está imune a essa ilusão.

Os vários métodos de procura por um emprego. No outro extremo do arco-íris da procura por um emprego, nos Estados Unidos e em países com latitude semelhante, é possível usar qualquer método que lhe ocorra. Se amanhã você inventar um novo método do qual ninguém nunca ouviu falar, terá mais poder em suas mãos. Não há limites, exceto evitar estranhezas e mau gosto. Em *Qual a Cor do Seu Para-Quedas?*, identifiquei 16 métodos diferentes de procura por um emprego, mas os três mais comuns são aqueles aos quais aludi anteriormente em nossa alegoria: currículos, redes de contato e capacitação. No entanto, ao contrário da alegoria, eles em geral não representam alternativas, mas são todos usados simultaneamente na busca de sucesso em qualquer caso determinado.

Ser bem-sucedido na entrevista com um empregador em potencial. O arco-íris aqui é impressionante. A diferença decisiva, contudo, gira em torno de se a entrevista e o emprego são percebidos com relação a um grupo ou um indivíduo. Nos Estados Unidos, estamos acostumados a colocar a ênfase no indivíduo. O indivíduo é o sujeito da entrevista de contratação, durante a qual deve dizer porque se

destaca em comparação com outros caçadores de emprego com históricos semelhantes. O indivíduo deve descrever e documentar os resultados que alcançou em empregos ou funções anteriores. O indivíduo deve, ao final, pedir o emprego e depois decidir qual oferta de trabalho deve aceitar.

Em vários outros países do mundo, esse é um processo totalmente estranho, em especial nas culturas nas quais a família é a força social dominante. Nesses países, a ênfase recai sobre a importância da comunidade, do grupo e da equipe, tanto no trabalho como na entrevista.

Para os chamados abridores de caminhos, a comunidade pode estar presente na entrevista e contar com a participação de toda a família (em algumas culturas asiáticas ou Maori). Sua função é atuar voluntariamente para dizer coisas que você pode ter esquecido de mencionar ou que a humildade não lhe permite dizer. Com o avanço do processo, o papel dos membros da família é decidir qual cargo e empresa você deve aceitar, com base em qual oferece maior “projeção” à família.

A comunidade é o sujeito da entrevista. Não é o indivíduo que acumula realizações — apenas o grupo ou a equipe. De fato, em algumas culturas, para que a equipe possa atingir o patamar mais elevado, os empregadores podem considerar apenas a contratação de pessoas da mesma cidade ou comunidade para ter a certeza de que trabalharão bem em conjunto.

Como caçador de empregos, seu papel na entrevista é enfatizar sua contribuição para a equipe ou o grupo com o qual trabalhou no passado. Mais do que isso — ou seja, procurar destacar-se dos outros membros do grupo — é considerado arrogância. No Japão, essa proibição está consagrada no adágio “martele o prego que se destaca do resto, de forma que eles fiquem no mesmo plano”; enquanto na Austrália e na Nova Zelândia, isso é conhecido como “a papoula mais alta é a primeira a ser cortada”. Ai!

Aqui, o mais aconselhável é falar de seus trunfos apenas em termos de “valor agregado”, uma palavra que praticamente todos os empregadores entendem.

Agora que vimos como funciona o processo de escolha de uma profissão e a procura por um emprego em vários países do mundo, vejo quatro lições para alguém que está prestes a percorrer essa estrada:

- Faça um inventário de si mesmo. Procure conhecer a si mesmo da melhor forma possível. (Veja exercícios em *Qual a Cor do Seu Para-Quedas?* ou em obras semelhantes.) Decida quais habilidades

transferíveis você possui, em especial, quais delas poderiam ser úteis à equipe ou à comunidade de trabalhadores.

- Usando a internet, a lista telefônica ou conversas com pessoas que atuam em sua área de interesse, descubra o máximo possível sobre as empresas ou organizações nas quais gostaria de trabalhar. Se você sabe mais sobre a empresa do que outros postulantes ao emprego, causará uma boa impressão na entrevista. As empresas adoram ser amadas.

- Familiarize-se com as formas de caça de emprego geralmente características do lugar onde está buscando trabalho. Fale com várias pessoas que encontraram empregos nesse local e pergunte como conseguiram. Tome nota.

- Vá fundo! Pergunte às pessoas quem entre seus conhecidos *não* seguiu o caminho tradicional, mas de qualquer maneira encontrou um trabalho que gostava

de fazer. Fale com eles cara a cara, se puder, e pergunte como o conseguiram. Anote todos os detalhes para que possa montar um “Plano B” no caso de o caminho tradicional nesse país não ser o que deseja.

O que você quer, mais do que qualquer emprego, é ter esperança em relação a seu futuro e sua vida. E, na busca por um emprego, como na vida, a esperança é fruto da crença de que sempre há caminhos alternativos a serem trilhados na busca por um propósito e um sentido nesse mundo. ■

Mais informações sobre a procura de emprego estão disponíveis no site do autor <http://www.jobhuntersbible.com/>

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.



Parabéns, pessoal

Diretor Executivo Michael Dell: A Disputa com Seu Próprio Potencial



Harry Cabluck/AP Images

Michael Dell de vez em quando atende a ligações no departamento de atendimento ao consumidor da empresa nos EUA

Há muitas oportunidades diante de vocês — mas não percam muito tempo tentando escolher a oportunidade perfeita, pois deixarão escapar a mais indicada. Reconheçam que haverá fracassos e estejam cientes de que surgirão obstáculos. Mas vocês aprenderão com seus próprios erros e com os erros de outros, pois há muito pouco a aprender com o sucesso...

Muitas vezes durante a caminhada vocês se perguntarão por quê. Por que sigo esse caminho? O que isso significa? Vocês se farão essas perguntas daqui a 10 anos

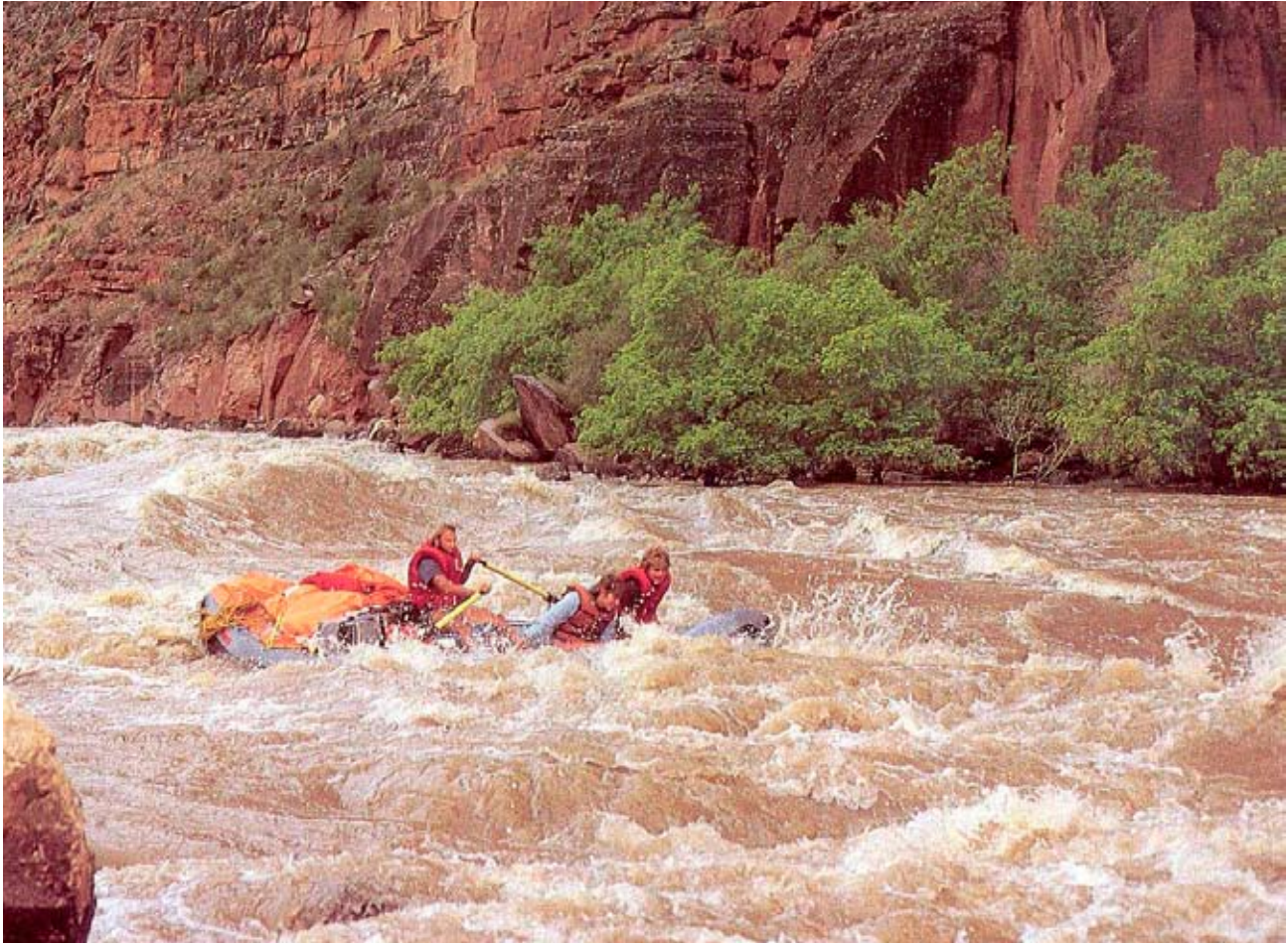
e daqui a 20 anos com a mesma frequência com que se perguntam hoje. Bem, eu tenho uma resposta para vocês. Tudo diz respeito a vencer. É isso mesmo, vencer.

Mas não estou falando sobre aspectos gerais, brincados ou vendas. Falo sobre vencer uma disputa com seu próprio potencial. Falo sobre acreditar em si próprio o suficiente para tornar-se o melhor contador, engenheiro ou professor que poderão ser. Falo sobre nunca medir o seu sucesso com base no sucesso dos outros — porque simplesmente vocês podem estabelecer um padrão muito baixo.

Michael Dell é presidente do Conselho de Administração e diretor executivo da Dell Computer Corporation, empresa que fundou em 1984. Em 1992, Dell tornou-se o diretor executivo mais jovem a figurar na Fortune 500. Discursou para os formandos da Universidade do Texas, em Austin, em 2003. (Trecho usado com permissão.)

Um Rio me Conduz

Jeff Rennie



Cortesia: Tom Beck

O autor com os remos na sua balsa enquanto esta dispara rio abaixo pelo Yampa River, no estado do Colorado

Escritor da vida ao ar livre conta como os rios o colocaram no caminho de uma profissão.

Jeff Rennie é um premiado escritor da natureza que viveu uma vida de viagens e aventuras. Sua busca por reportagens levou-o aos lugares mais inexplorados dos cinco continentes, viagens que ele relatou em 10 livros e mais de 200 artigos de revistas, em publicações como National Geographic Adventure, Backpacker e Reader's Digest, e que lhe renderam duas medalhas de ouro pela excelência de seu trabalho outorgadas pela Sociedade de Escritores Americanos de Viagens). Ele leciona Redação e Literatura na Conserve School em Wisconsin e ainda adora remar nos rios.

Sou escritor por causa de um rio. Não era grande coisa, só um velho e cansado trecho de um canal industrial, mas eu podia vê-lo da minha sala de aula no colégio. Nos dias em que os ponteiros do relógio pareciam estar grudados no lugar e as páginas dos livros escolares não avançavam, eu sentava durante horas observando o rio, sonhando. Ali estava o conto de Ernest Hemingway *Big Two-Hearted River* [*O Grande Rio dos Dois Corações*], onde Nick Adams vai pescar em busca de um novo começo de vida. Ali estava o Mississippi de Mark Twain com Huck e Jim deitados de costas a bordo de uma balsa, apontando para as estrelas com os dedos dos pés. Esse pequeno trecho de rio era, em alguns dias, a única coisa que se movia, o caminho dos meus sonhos, meu ingresso para o mundo que se encontrava depois da curva. E então, um dia, o professor mencionou Carl Sandburg.

“Sei que leva muitos, muitos anos para escrever um rio”, escreveu o poeta, “uma espiral de água fazendo uma pergunta”. Naquele momento, fitando o rio pela janela, minha própria “espiral de água”, soube o que ia fazer da minha vida. Eu ia ser escritor e começaria a escrever sobre rios.

Being a writer is not the kind of career they tell you about at a job fair. It doesn't fit neatly into the check-off boxes of any “occupational aptitude survey” a guidance counselor might give you. With writing you make your own path, find your own way, a prospect that is both frightening and exhilarating.

A carreira de escritor não é do tipo da que te oferecem em uma feira de empregos. Não se encaixa exatamente em nenhum dos quadradinhos de resposta dos “questionários de aptidão ocupacional” aplicados por um orientador. Na produção literária você faz o seu próprio caminho, encontra seu próprio modo, uma perspectiva que é ao mesmo tempo assustadora e estimulante. Na faculdade, enquanto os outros passavam por entrevistas de trabalho e estágios, eu praticava o rolamento esquimó no meu caiaque, remava toda vez que podia e lia, lia sempre — *River Notes [Notas sobre um Rio]* de Barry Lopez, *Coming into the Country [Campo Adentro]* de John McPhee e *The River Why [As Razões do Rio]* de David James Duncan. Lá no fundo do meu coração, eu sabia que, se soubesse encontrá-las, os rios trariam histórias para contar, interrogações nas espirais das correntezas.

Com o diploma de Inglês e Redação Criativa nas costas, aceitei o emprego de guia de rios depois de terminar a faculdade e iniciei minha busca — o Rio Colorado no Grande Canyon, os rios do Alasca com suas margens unidas em trilhas amarronzadas, rios de nomes impronunciáveis da China, da América do Sul e do Canadá. Remei em todos eles, sentei em volta das fogueiras, escutei as histórias. Ao longo do caminho, aprendi sobre os rios, sobre o tempo e sobre como escrever.

Rios silvestres são mais que simples caminhos para levar a água de cá para lá. Também são caminhos para dentro de nós. Não há como apressar um rio. Quando você chega lá, vai no ritmo da água e esse ritmo o vincula a um fluxo que é mais antigo que a vida neste planeta. A aceitação dessa cadência nos traz à memória outros ritmos que estão além dos sons do pulsar do nosso coração e nos ensinam sobre o fluxo de uma idéia, o andamento de uma boa história, o valor do tempo. Eu prestei atenção. Incorporei tudo aquilo. Então, sentei para escrever.



O escritor, aventureiro e professor Jeff Rennie

Cortesia: Kim Schumacher

Tanto quanto navegar rios bravios, escrever é um ato de exploração. Você dá partida na frente de uma folha em branco para explorar as montanhas, os desfiladeiros e as correntezas das idéias. Você observa atentamente as perguntas e se mantém aberto para o eco das respostas, por mais vagas que sejam. Você aperfeiçoa suas habilidades com uma caneta em vez de um remo, revela sua alma no papel e a envia para um editor de revistas.

E eles dizem “não, obrigado”. Ou pelo menos eles o fazem algumas vezes. Mas você tenta de novo, outra revista, outro relato. Então, um dia, ele dizem “sim”. Sai uma revista com o seu nome, sua reportagem; algo que começou com uma idéia tão vaga como

um redemoinho na correnteza do rio agora está numa revista, uma história, sua história, compartilhada com o mundo.

Daí você faz tudo de novo e de novo. Após dois anos eu escrevia tanto quanto remava e o dinheiro que ganhava como guia complementava o que recebia como escritor. As revistas começaram a me chamar. Trabalhos por encomenda me levaram longe dos rios e em direção a outros lugares naturais — caminhadas entre os gigantes pardos do Kamchatka, vôos de asa delta além dos Outer Banks da Carolina do Norte, trilhas na Antártica. Logo tornei-me editor da revista *Backpacker* e escrevia com periodicidade para as publicações da National Geographic Society. Os artigos de revista viraram livros.

Em algum momento dessa trajetória deixei de me definir como explorador e escritor de rios. Havia me tornado um escritor, e o rio fluiu através das palavras.

Nunca houve melhor época para ser um escritor da natureza. Os livros e artigos de revistas, as histórias que contamos, sempre foram uma das formas de encontrar nosso caminho no meio da escuridão da incerteza, uma forma de abordar as grandes questões do nosso tempo. Com a mudança climática global, a crescente extinção de espécies e os inúmeros desafios ambientais que enfrentamos, a questão da relação dos seres humanos com o ambiente e o nosso lugar no mundo natural estarão entre as reflexões mais vitais da literatura, as histórias mais importantes que podemos contar. Há de fato perguntas latentes nas camadas de pedra de uma encosta de montanha, nos redemoinhos de grama de um prado e nas “espirais de água”, como escreveu certa vez um grande poeta. E também há, se soubermos como enxergar, respostas nos rios, nas montanhas e dentro de cada um de nós. ■

O site do autor é <http://www.Jeffrennicke.com>



Parabéns, pessoal

Diretor Executivo Kenneth I. Chenault: Enfrentem a História, Façam História

E estejam vocês preparando-se para aprofundar os estudos ou para ingressar na força de trabalho, nós precisamos de vocês. Nossa nação precisa de vocês. Nossa comunidade precisa de vocês, tanto nos EUA quanto no mundo todo. Precisamos da energia, da inteligência e das idéias, das habilidades, da determinação para enfrentar o mundo e da confiança no sucesso de cada um de vocês.

Lembrem-se sempre da dupla responsabilidade que vocês têm. Reconheçam que podem colaborar com uma empresa, mas também com a reconstrução de Nova Orleans e da região do Golfo.

Vocês podem buscar lucros e promoções, mas também podem ajudar uma garota no Panamá a perseguir seu potencial. Podem construir uma carreira e formar uma família e podem ajudar a preencher as lacunas de desigualdade que ainda existem para muitos na comunidade afro-americana.

Enfrentem o preconceito e façam progressos. Enfrentem a história e façam história. Reconheçam essa dupla responsabilidade e liderem.

Esse é o imperativo ancestral indelével de todos vocês.

Kenneth I. Chenault é presidente e diretor executivo da American Express Company. Diversas organizações cívicas, comunitárias e de serviço social também reconheceram sua liderança no serviço público. Ele pronunciou o discurso de patrono na formatura da turma de 2008 da Universidade Howard, em Washington, DC, que se encontra entre as universidades historicamente destinadas a negros mais respeitadas na nação. (Trecho usado com permissão.)



Kenneth Chenault, diretor executivo da American Express, em evento em 2007 no Museu Whitney de Arte Americana, na cidade de Nova York

© Jason DeCrow/AP Images

Chili, Cachorros-Quentes e o Legado de Família

Jeanne Holden



Cortesia: Tim Brown

Nizam Ali inspeciona a fachada do restaurante da família na Rua U em Washington, DC. Ao fundo, o Teatro Lincoln, outro marco de Washington

O Ben's Chili Bowl é um pequeno restaurante com uma enorme reputação dentro e fora de Washington, DC. Um imigrante das Índias Ocidentais nos Estados Unidos deu início ao negócio há mais de 50 anos, e seus filhos dão continuidade ao empreendimento em sua sexta década.

Jeanne Holden é redatora freelancer.

“**T**em a ver com as pessoas. Sempre foi por causa das pessoas”, afirma Nizam Ali, quando lhe perguntam porque entrou no negócio da família, o Ben's Chili Bowl. “Resumiu-se a ajudar minha família e a perceber o quanto nosso restaurante significava para tantas pessoas.”

Nizam, agora com 38 anos, nem sempre quis administrar o tradicional estabelecimento de cachorro-

quente e chili inaugurado por seus pais há 50 anos em Washington, DC. Na verdade, ele tinha quase 30 anos quando realmente entendeu o significado das conquistas de seus pais.

Mahaboob Ben Ali, pai de Nizam, chegou aos Estados Unidos em 1945 oriundo de Trinidad, nas Índias Ocidentais, onde nasceu. De acordo com Nizam, Ben tinha a energia do imigrante pobre que tem de ser bem-sucedido. “A família do meu pai era de pessoas de negócios”, relata Nizam. Os Estados Unidos eram a terra das oportunidades. Ben Ali tentou várias profissões, desde uma empresa de importação e exportação, a faculdade de odontologia até trabalhar como garçom.

Em 22 de agosto de 1958, abriu um pequeno estabelecimento para vender cachorro-quente e chili em um bairro movimentado da capital americana, então

conhecido como “Broadway Negra” por causa de artistas afro-americanos que tocavam nas casas noturnas dessa área. Ben inaugurou o restaurante com a ajuda de Virginia Rollins, com quem veio a se casar. Virginia trabalhava na Rua U, no Banco Industrial de Washington, uma das maiores e mais antigas instituições bancárias pertencentes a afro-americanos nos Estados Unidos.

Virginia cresceu em uma fazenda em Chance, Virgínia, cerca de 160 quilômetros ao sul de Washington, DC. “A ética de trabalho rígida e os modos hospitaleiros e calorosos de minha mãe – sua chamada hospitalidade sulista – complementavam o senso empresarial de meu pai”, diz Nizam. Eram apaixonados, mas casar foi complicado. Ben Ali é originário do Sul da Ásia e Virginia Rollins é afro-americana. Naquele tempo, casamentos inter-raciais eram ilegais em alguns estados. Depois de várias tentativas, Ben Ali e Virginia Rollins casaram-se em cerimônia civil em um fórum de Washington, DC – dois meses após a inauguração do Ben’s Chili Bowl.

UM RESTAURANTE DE BAIRRO

Os Alis utilizaram US\$ 5 mil para abrir um restaurante de bairro conhecido pela comida simples e boa e por funcionários simpáticos. O Corredor da Rua U era um centro da comunidade negra com empresas, lojas e restaurantes. O Ben’s Chili Bowl era popular e atraía uma mistura de artistas afro-americanos, profissionais liberais e pessoas comuns. Nos primeiros anos, artistas de *jazz* conhecidos como Duke Ellington e Bessie Smith eram clientes habituais. Mais tarde, Bill Cosby, famoso comediante, humanitário e filantropo, gostava de frequentar o Ben’s e levava sua futura esposa, Camille, quando estavam namorando.

O Ben’s Chili Bowl viveu bons e maus momentos. Quando o líder dos direitos civis Martin Luther King Jr. foi assassinado em 1968, motins eclodiram em várias cidades. Em Washington, DC, a maioria das empresas no Corredor da Rua U fecharam suas portas, mas o Ben’s permaneceu aberto. Nos anos 1980, a expansão do metrô dividiu a Rua U, mas o Ben’s permaneceu funcionando durante anos de construção.

A filosofia de seus pais manteve o restaurante, afirma

Nizam. “Basicamente, consistia em ‘trate todos bem, seus amigos, seus empregados e seus clientes’. Se você tratar sua comunidade bem, ela sempre estará do seu lado.”

DECISÕES SOBRE PROFISSÕES

Nizam, o mais jovem dos três filhos dos Alis, nasceu em 1970 e cresceu no restaurante. “Logo que consegui alcançar as mesas, comecei a limpá-las”, lembra ele. Nizam ajudava depois da escola e no verão, mas o restaurante não tomava todo o seu tempo. Ele também participava de acampamentos e de outras atividades. “Nunca me importei de ter uma família que tinha um restaurante”, afirmou. “Era um local muito bom para se levar os amigos.”

O irmão mais velho de Nizam, Haidar, ajudou no restaurante por algum tempo, mas ele sempre quis ser músico. Atualmente mora na Califórnia com a esposa. O filho do meio, Kamal, por outro lado, foi trabalhar no restaurante logo após terminar a faculdade. Oito anos mais velho do que Nizam, Kamal é o filho que prometeu a Ben Ali dar continuidade ao negócio da família. Assim, Nizam não sofreu muita pressão familiar para entrar no negócio e pôde explorar suas escolhas.

Na faculdade, Nizam percebeu que adorava rádio. Foi *disc jockey* em três estações de rádio da faculdade e fez estágios em duas rádios comerciais. Nizam relata que aos 20 anos “tinha um pé no restaurante e outro na rádio”. “Amava os dois, mas não estava fazendo tudo que podia em nenhum deles.” Portanto, trancou a faculdade por um ano e dedicou-se a trabalhar no Ben’s Chili Bowl.



Nizam Ali posa (ao centro, à frente) com seus funcionários atrás do balcão no Ben's Chili Bowl

Cortesia: Tim Brown

Aprendeu que ter um restaurante é um trabalho incredivelmente árduo. “Abrimos sete dias por semana e fechamos somente dois dias por ano – Natal e Dia de Ação de Graças”, acrescentou Nizam. “Durante a semana, abrimos às 6 da manhã e geralmente fechamos às 2 da manhã. Nas noites de sextas e sábados, [fechamos às] 4 da manhã. Domingo é o nosso dia curto – das 11h às 20h.”

Ainda assim, Nizam não sabia que rumo tomar na vida. Seu irmão mais velho, Haidar, incentivou-o a listar seus objetivos: ter sua própria empresa, conhecer o mundo e ter uma esposa e família. A seguir, discutiram como fazer para alcançá-los. “Haidar estava convencido de que a faculdade de Direito era o veículo para alcançar todos os objetivos”, explicou Nizam. A Faculdade de Direito da Universidade de Maryland o aceitou, mas ele estava preocupado se teria energia para completar mais três anos de estudo. Seu irmão estava decidido: se você tem a oportunidade e os meios de frequentar a faculdade de Direito, então você tem a responsabilidade de ir.

COMEMORAÇÃO E DESCOBERTA

Nizam passou no exame da Ordem dos Advogados de Maryland e recebeu o título de advogado em dezembro de 1996. Exerceu a advocacia em Maryland em 1997 e no início de 1998. Com a proximidade do verão, Nizam percebeu que no dia 22 de agosto de 1998 seria o 40o aniversário da inauguração do restaurante de seus pais.

Nizam queria comemorar essa data. “Nessa época, meu pai estava com 71 anos e minha mãe com 65”, conta Nizam. “Tive uma idéia: por que não fechamos a rua em frente ao restaurante e realizamos uma entrevista coletiva à imprensa? Convidaremos o prefeito e autoridades da cidade para homenagear a mamãe e o papai pelo Ben’s Chili Bowl, por sobreviver a todas as adversidades e manter esse lugar.” Nizam e seu irmão Kamal começaram a trabalhar no planejamento, telefonemas, comunicados à imprensa e cartazes.

Mas o que Nizam e Kamal não sabiam era que um de seus clientes também iria divulgar o evento. “Ele achou que a história do Ben’s Chili Bowl daria uma grande matéria, e sua esposa trabalhava na CNN (Rede de Notícias a Cabo)”, disse Nizam. Assim, pouco antes do aniversário, repórteres da CNN foram ao Ben’s Chili Bowl para entrevistar a família Ali. Eles também entrevistaram o fã mais famoso do restaurante, o comediante Bill Cosby, sobre o histórico restaurante dos Alis. A matéria resultante passou repetidamente na CNN e na *Headline News*.

“De repente, um evento que tinha começado como um agradecimento humilde transformou-se em algo muito maior”, disse Nizam. Foi um enorme sucesso. Autoridades e clientes reuniram-se para comemorar o

extraordinário restaurante de bairro. Os Alis receberam uma condecoração da cidade, que agora fica em uma moldura na parede do restaurante. Nas duas semanas seguintes, formaram-se filas de clientes além das portas do restaurante.

“Entreí de férias logo após o evento do 40o aniversário”, contou Nizam. “Mas eu telefonava todos os dias e minha família dizia que as multidões eram insanas – intermináveis. Assim, literalmente no dia que voltei, fui direto para o restaurante e desde então não parei de trabalhar. Nunca pensei em não ajudar e nunca me arrependi de fazê-lo.”

Nizam diz que o 40o aniversário o fez perceber o grande amor que tantas pessoas sentem pelo Ben’s Chili Bowl. “Recebemos todas essas homenagens e eu sabia que o Ben’s tinha de continuar”, disse ele. “Eu também percebi que meu irmão não conseguiria administrar o restaurante sozinho. Alguém tem de estar aqui todos os dias para manter a qualidade, a integridade e a limpeza. Mesmo agora, nós dois trabalhamos seis dias por semana.”

Entrar no negócio da família não era o plano de Nizam, mas ele sabia em seu íntimo que era a coisa certa a ser feita. Seu pai, Ben, está mais dividido. Parte dele lamenta por Nizam não estar exercendo a advocacia, enquanto a outra parte está realmente orgulhosa de seu filho pela ajuda para continuar com o negócio.

Agora Nizam e sua esposa, Jyotika, têm um filho de três anos, Tariq. Seu irmão Kamal e a esposa têm gêmeos de 8 anos. Nizam diz esperar que um de seus filhos entre no negócio da família.

No início deste ano, os Alis comemoraram o 50o aniversário do restaurante com um espetáculo de gala apresentado por Bill Cosby, uma festa na rua e um concerto para agradecer aos clientes, e todos os eventos foram gratuitos.

Segundo Nizam, algumas características do restaurante nunca deveriam mudar. “Nossos funcionários são como se fossem da família. Nossos clientes são como visitas em nossa casa. Temos de conhecê-los”, afirmou ele. Muitas pessoas sugeriram que o Ben’s Chili Bowl se tornasse uma franquia, mas Nizam diz que não vai ser logo. Ele e Kamal também têm de considerar sua própria qualidade de vida. “Se abrissemos franquias do Ben’s, ficaríamos milionários, mas será que meu filho saberia quem sou eu?”, Nizam se pergunta. “É muito mais do que dinheiro.”

“O Ben’s é o carro-chefe”, acrescenta Nizam. “Meu maior medo é de que alguém que conhece e ama o restaurante diga que o Ben’s não é o que costumava ser. Nosso respeito pelo legado é porque as pessoas amam muito o Ben’s.” ■

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

Construir Memórias para Ganhar a Vida

Walter Scheib



© Time & Life Pictures/Getty Images

Walter Scheib é visto aqui em 1994 com a então primeira-dama Hillary Clinton, promovendo uma dieta de frutas e legumes

Comece com uma dose de talento. Adicione uma dose de dedicação, duas doses de preparação e meia dose de sorte. Misture todos os ingredientes completamente e deixe descansar.

É essa a receita que o famoso chef americano Walter Scheib seguiu para avançar gradativamente de auxiliar de cozinha em pequenos restaurantes até o cargo de chef da Casa Branca.

Walter Scheib foi chef da Casa Branca de 1994 a 2005, servindo as famílias dos presidentes Bill Clinton e George W. Bush. Agora ele dá palestras e consultoria sobre hotelaria em seu negócio, The American Chef.

Quando preparei uma das refeições mais importantes de minha carreira, para a primeira-dama dos Estados Unidos, servi costeleta de cordeiro, batatas-roxas com especiarias e acelga refogada.

Para saber se os outros gostaram ou não da sua comida basta olhar para o prato. Um prato vazio significa que gostaram. Se não estiver vazio, quer dizer que não gostaram muito.

Nesse dia, olhei para o prato em frente a Hillary Clinton e vi que não somente ela havia comido toda a costeleta, como notei que estava mordiscando um dos ossos da costela. Três dias depois, ofereceram-me emprego como *chef* da Casa Branca.

Quase 20 anos antes disso, dei meus primeiros passos para tornar-me um *chef* profissional, e meu pai quase me expulsou de casa. Depois de um ano de faculdade, disse a ele que abandonaria os estudos porque minha meta era tornar-me um *chef*. Ele disse que eu devia começar a pagar aluguel ou sair de casa.

Meu pai era engenheiro nuclear, um homem muito voltado para os estudos acadêmicos, com vários diplomas de instituições de prestígio. Desde cedo em meus dias de faculdade, percebi que não queria o tipo de vida que ele levava. Isso simplesmente não me interessava. Eu não queria ter de usar terno e gravata; eu queria era usar avental branco.

Assim, entrei no mundo cruel do capitalismo americano, aprendendo uma profissão, ganhando a vida com ela, pulando de galho em galho durante alguns anos. Trabalhei como gerente assistente e como gerente em



© Wilfredo Lee/AP Images

Scheib (na frente) aparece trabalhando na cozinha da Casa Branca

uma cadeia de *steakhouses* na área de Washington, DC. Trabalhei como *chef* em uma série de restaurantes pequenos e em vários lugares que pertenciam a cadeias de empresas, aprendendo como era o lado comercial dessa atividade. Com eles não aprendi muito sobre cozinhar, mas aprendi um bocado sobre gestão de sistemas, como gerenciar pessoas e como lidar com gente.

Reconheci que queria estar na hotelaria como profissional e que precisaria de mais capacitação. Fui para o Instituto de Culinária dos Estados Unidos em Nova York, a escola de ponta da culinária dos EUA na época. O curso durava cerca de 20 meses, você passava sete meses no instituto e em seguida trabalhava no mundo real por alguns meses, voltando depois para o instituto.

Descobri que estava na profissão certa quando trabalhei como *chef* assistente de banquetes em um desses aprendizados fora do instituto. Certo dia, durante um banquete, o *chef* principal disse: “OK, vamos ser apresentados à multidão da sala de jantar.” Então, o pessoal da cozinha sai, e 1.200 pessoas de smoking e longos se levantam e nos ovacionam de pé. Lembro realmente de ter

ficado arrepiado. Foi a coisa mais legal que eu já havia visto.

É essa a atitude que você precisa ter no ramo de restaurantes ou da hotelaria. Se você não adora — e quero mesmo dizer *adora* — fazer gente feliz, você está na atividade errada. As condições são brutais. Um dia de trabalho tem de 10 a 15 horas, vai até tarde da noite e começa de manhã cedo. Se você não gosta de ver gente sorrindo, então você está no negócio errado. Nossa meta é ouvir gente dizer: “Nossa! Estava maravilhoso.” O segredo é fazer parte de um momento, fazer as pessoas gostarem realmente do que estão fazendo nessa hora.

Poucos anos depois de deixar o instituto de culinária, tive uma grande oportunidade no Greenbrier, um velho e famoso *resort* de luxo da Virgínia Ocidental. Era onde eu estava quando surgiu o emprego na Casa Branca. Depois que me candidatei, fiquei sabendo que outras 4 mil pessoas haviam feito o mesmo. Então o campo foi se estreitando e eu era um entre cerca de dez convidados a cozinhar para a primeira-dama, um teste de almoço.

O que eu ia fazer? Era o maior desafio da minha vida profissional. Ouvi todo mundo. “Você deve fazer isso, fazer aquilo, fazer o contrário.” No fim, a melhor idéia foi fazer o que eu realmente fazia melhor. Se eu tivesse tentado fazer outra coisa, ou tentado ser pretensioso ou extravagante, não teria dado certo. Comida que fosse simples, mas muito forte, representava de fato o que eu era. É a influência de um estilo rural que eu estava adotando no *resort* Greenbrier – batatas-doces básicas, folhas verdes e cordeiro. É uma cozinha muito regional, mas eu a deixei mais sofisticada pela apresentação e pelos componentes do tempero. Foi o que fez a diferença para Hillary Clinton.

Disse-lhe naquele dia que poderíamos trazer a cozinha contemporânea americana para a Casa Branca, não apenas para seus jantares privados, como para todos os grandes e grandiosos jantares de Estado e recepções públicas. Ela reconheceu que a cozinha americana estava pronta para substituir o estilo europeu *haute cuisine* que a primeira-dama Jacqueline Kennedy havia introduzido na Casa Branca nos anos 1960. Hillary Clinton me orientou a trazer a cozinha dos Estados Unidos para o lar americano na Casa Branca. Assim, montei uma equipe para trazer esse estilo de comida para a Casa Branca, e isso foi uma grande honra profissional.

E, naturalmente, foi uma grande honra pessoal cozinhar para duas famílias de presidentes americanos ímpares e em evidência. Você tem de vê-las fora de cena, como as pessoas reais que são, independentemente da política.■

O site do autor é <http://www.theamericanchef.com/index.asp>.



Parabéns, pessoal

Governador da Califórnia, Arnold Schwarzenegger: É Possível

Não dê ouvidos às pessoas do contra. Quantas vezes ouvimos as pessoas dizerem que não se pode fazer isso? Eu ouvi a minha vida inteira. Isso não é possível. Não era possível vir para os Estados Unidos; não era possível ser campeão de fisiculturismo; não era possível ser ator de cinema; não era possível me candidatar a governador. Em especial, lembro quando me candidatei a governador: “Não é possível”, diziam. “Veja, você é um ator. O que você quer fazer? Dois meses antes das eleições você decide que vai concorrer ao cargo de governador? Você perdeu o juízo? Não é possível. Primeiro, você deve se candidatar a prefeito, depois talvez ao Conselho Municipal ou talvez à Assembléia Legislativa ou ao Senado, depois a vice-governador. Você tem que subir degrau por degrau na política. É assim que funciona na política.”

Eu disse: “Não estou buscando uma carreira política. Tudo que quero é ser governador. E resolver os problemas da Califórnia, melhorar a economia, proteger o meio ambiente, fazer reformas na educação e no nosso sistema de saúde. É isso que eu quero fazer.” Fui à luta, conversei diretamente com as pessoas, tive diversas reuniões com eleitores, dei uma entrevista atrás da outra. E o resto é história. E o povo me mandou para Sacramento [a capital da Califórnia]. Então, não dê ouvidos a esse tipo de coisa: “Não é possível.”

Trecho extraído de um discurso de patrono de formatura na Brentwood School em Los Angeles, Califórnia. Arnold Schwarzenegger foi eleito governador da Califórnia pela primeira vez em 2003, após uma carreira de ator e fisiculturista profissional. Ele nasceu na Áustria e tornou-se cidadão americano em 1983. (Trecho usado com permissão).



Eric Risberg/AP Images

O governador da Califórnia, Arnold Schwarzenegger, é saudado por alunos do ensino fundamental durante visita a um bairro de Santa Rosa, Califórnia

Jogador de Games Chega ao “Darkest of Days”

Bill Wadleigh



Cortesia: Susan Brown-Wadleigh

O autor em seu escritório com alguns dos games que ajudou a desenvolver

As tecnologias da informação e da comunicação estão entre os setores mais dinâmicos e com mais rápida expansão do país nas últimas décadas. Um produtor de videogames explica como pegou a onda que o levou da TV aos MMORPGs e FPSs — e, se você não sabe o que são, leia abaixo.

Bill Wadleigh é vice-presidente de games da Phantom EFX e desenvolve jogos para cassinos e videogames para computadores pessoais e consoles de última geração.

Sempre fui um jogador de games. Quando era adolescente, jogava *Star Trek* em um *mainframe* da faculdade. Mas era 1975, quando pouca gente sequer sonhava que os computadores se tornariam aparelhos domésticos e muito menos que alguém pudesse ter uma carreira fazendo games para computadores. Então, fui para a faculdade estudar produção televisiva. Minha ambição secreta era ser diretor da *CBS Evening News*

(respeitada rede de televisão dos Estados Unidos). Bem, aquilo não deu certo e não lamento absolutamente!

A televisão foi um bom lugar para aprender muitas habilidades que me ajudaram a fazer outras coisas mais adiante. Meus primeiros empregos foram em universidades na região metropolitana de Washington, DC, como produtor de vídeos educativos. Depois de alguns anos, eu estava altamente capacitado para trabalhar em projetos técnicos complexos, nos quais você tem de conciliar vários elementos — operadores de câmera, talentos, conteúdos, um cronograma e um orçamento.

Gosto de dizer que quando se é bom em apertar botões, as pessoas te transformam no rei dos apertadores de botão. Fui promovido e passei a ser responsável por administrar os projetos em vez de realmente criá-los. Aprendi a entregar os programas dentro do cronograma e do orçamento.

Em 1994, peguei todas essas habilidades adquiridas, enveredei para um novo rumo e mudei de profissão. Era a época da “bolha” da internet, período em que todo mundo e até suas avós apareciam com idéias para ganhar um milhão de dólares na internet.

Um amigo me contou que havia uma vaga para administrador de projetos em uma empresa de tecnologia de ponta chamada VR-1 Entertainment. A empresa começou como um PSI, provedor de serviços de internet, um dos muitos durante a primeira fase da internet. Cada PSI tentava atrair mais assinantes, desenvolvendo características exclusivas para tornar seu serviço melhor que o da concorrência. A VR-1 tinha um departamento de games, mas eles não tinham ninguém com experiência na administração de projetos técnicos complexos. Foi aí que eu entrei. Por ter sido um grande jogador de games durante toda a vida, conhecer um pouco de programação HTML e muito sobre administração de projetos complexos, consegui o emprego.

Era uma empresa iniciante, portanto era uma situação de alto risco e grandes recompensas. Poderia ter levado a ganhos financeiros inesperados, mas no mínimo era uma oportunidade de fazer videogames. Assim, deixei uma carreira profissional segura para me atirar nessa novidade. É claro que eu estava um pouco assustado com todas essas mudanças. Minha esposa havia acabado de dar à luz o nosso filho e era uma etapa da vida em que as pessoas “normais” se assentam e se mantêm firmes em suas carreiras. Mas sempre me lembro de uma frase que descreve bem minhas experiências e trajetória profissionais: “Um barco está seguro no porto, mas não foi construído para isso.” [William G.T. Shedd, teólogo e escritor americano do século 19.]

Em 1994, o mundo dos videogames era completamente diferente do atual. O Everquest®, o World of Warcraft® e outros jogos comuns de interpretação de personagem on-line e em massa para múltiplos jogadores (MMORPGs em inglês) eram só idéias arriscadas, não o grande sucesso que são hoje em dia. O desafio de fazer jogos on-line era criar pequenos games que pudessem ser baixados e jogados diversas vezes, além de terem um componente social, de modo que os jogadores se comunicassem uns com os outros por

meio do chat. A VR-1 tinha uma ferramenta chamada “Conductor”, que permitia a centenas de jogadores em todo o mundo jogarem juntos em um único jogo. Atualmente isso é comum, mas no tempo do modem de 9600 baud com conexão por linha discada era realmente um salto qualitativo que deu à empresa uma vantagem competitiva.

Fui produtor do VR-1 Crossroads® e mais tarde trabalhei para a Microsoft no Fighter Ace 1.5®, em uma série de jogos por e-mail para a Hasbro Interactive e em um título lançado para o Xbox. Depois a empresa seguiu o caminho de muitas outras que surgiram durante a época da bolha pontocom. Reduziu seu tamanho e lutou para sobreviver, mas acabou fechando.

Depois de deixar a VR-1 em 2000, trabalhei para alguns dos maiores atores corporativos na indústria dos games. Atuei em diversas funções à medida que fui promovido de produtor a diretor de jogos para caça-níqueis, dispositivos para jogos e jogos on-line. Na contagem final, fui responsável por aproximadamente cem jogos diferentes que arrecadaram milhões de dólares para as empresas. Durante esse processo, também me tornei inventor e patentei novas idéias e produtos para games.

Em 2007, entrei para a Phantom EFX em Cedar Falls, Iowa. Dirijo uma equipe internacional de artistas e programadores de computador que fazem videogames. Desenvolvemos entretenimento informal, uma das áreas que mais cresce no mundo do software. Fazemos jogos de cartas, pôquer, caça-níqueis e jogos de mesa.

Meu primeiro projeto aqui é o Darkest of Days™, jogo de “tiro em primeira pessoa” (FPS) para PC e Xbox 360 que será lançado no início de 2009. É outro desafio tecnológico para mim: trabalhar com uma nova equipe usando uma nova ferramenta gráfica feita especificamente para criar games de última geração. Uso todas as habilidades, experiências e truques que aprendi nesse trabalho. Estou na minha praia.

Estive lidando com tecnologia durante todo esse tempo. Para mim, o interessante do caminho que escolhi é trabalhar com produtos que estão bem do outro lado do horizonte. Encontrei o trabalho dos meus sonhos; e só levou um par de décadas para chegar aqui. ■

Um Tributo a Trabalhos Sujos, Difíceis e Perigosos

Entrevista com Mike Rowe



Cortesia: Discovery Channel

Mike Rowe faz uma pausa no seu trabalho do dia, um lixão em St. Louis, Missouri

Um improvável programa de televisão tornou-se um sucesso surpreendente com uma devotada base de fãs. Trabalho Sujo no Discovery Channel, que entra agora em sua quarta temporada, tem sido um dos principais programas da rede nos Estados Unidos desde seu início em 2005. Em cada episódio, o apresentador Mike Rowe visita um local de trabalho diferente, arregaça as mangas e trabalha lado a lado com as pessoas que realizam essas tarefas diariamente para ganhar a vida. De acordo com o projeto, o programa busca pessoas que fazem trabalhos muito sujos, pouco divulgados e algumas vezes inimagináveis para os que têm empregos mais limpos.

Mike Rowe tinha quase 20 anos de carreira no mundo artístico e na televisão, antes de idealizar Trabalho Sujo e convencer o Discovery Channel a apoiar o projeto. Ele conversou com a editora-gerente da revista eJournal USA, Charlene Porter.

Pergunta: Todos os seus programas têm a mesma abertura. Poderia repetir essa introdução e explicar como ela descreve sua visão de trabalhos sujos e braçais?

Rowe: Meu nome é Mike Rowe. E este é o meu trabalho: exploro o país em busca de pessoas que não têm medo de se sujar — homens e mulheres diligentes que fazem os tipos de trabalho que possibilitam a nós outros uma vida civilizada. Agora, preparem-se para ficar sujos.

Essa é a declaração de missão do programa. Encontramos pessoas que fazem o trabalho que a maioria de nós desvia do próprio caminho para evitar. Passo um dia com eles como aprendiz, tento acompanhá-los e dou algumas risadas. O sucesso do programa, acredito, é resultado dos temas subjacentes sobre trabalho aos quais voltamos constantemente, não só

por causa das privadas que explodem e dos infortúnios nas criações de animais.

P: Muitas coisas acontecem no seu programa. Você mostra ao público empregos que não são vistos e nem conhecidos por milhões de americanos que levam uma vida agradável e limpa nos bairros de classe média. Ao mesmo tempo, destaca a competência, a dignidade e o humor das pessoas que têm essas ocupações. Essa dualidade de temas é intencional?

Rowe: É bastante deliberada. Começou como um pequeno segmento de um programa local em São Francisco. Tive uma boa experiência sobre o tipo de coisa que provoca a reação do público bem antes de levá-lo para uma rede de televisão. Ao descrever pessoas com perfis mais modestos, aprendi que havia de fato um misto de interesse da parte do público no emprego em si e nas pessoas que realizam o trabalho.



Rowe ajuda a desatolar um caminhão do exército

Não há dignidade exclusivamente no trabalho. A dignidade está nas pessoas. Não se pode fazer um programa que destaque as partes boas do trabalho a não ser que se inclua também as pessoas que realçam essa visão positiva.

P: Quantos trabalhos sujos você realizou desde que o programa começou? Será que poderia relacionar alguns deles?

Rowe: Cheguei a 200 programas há alguns meses. Estamos agora na quarta temporada, e, quando começamos, a intenção era fazer 12 programas sobre 12 trabalhos. Fiquei sem idéias em torno do 50o programa e, desde então, passamos aos telespectadores a responsabilidade pela programação. A maioria das idéias veio de pessoas que realmente assistem o programa. Experimentei de tudo, desde coletor de animais mortos nas estradas, sexador de aves, inseminador artificial de vacas, assentador de tijolos, trabalhador de curtume, telhadista – qualquer um que trabalhe com betume quente e asfalto merece uma medalha. A lista inclui qualquer coisa que surja

de imediato na sua cabeça e mais um monte de coisas com as quais você nunca sonhou.

P: Ouvi você dizer certa vez no programa: “Como dizia meu avô, nunca confie em uma pessoa de sapatos limpos.” Ele realmente disse isso? O que ele fazia?

Rowe: Meu avô é a razão de *Trabalho Sujo* estar no ar. Ele estudou até a sétima série, mas foi uma dessas pessoas que já nascem conectadas, com uma compreensão inata dos ofícios de construção e de natureza técnica. Ele construiu meu primeiro carro. Construiu a casa em que nasci, sem planta. Aos 50 anos era mestre encanador, mestre eletricitista, assentador de tijolos e cortador de pedras. No fundo de seu cérebro, ele simplesmente sabia como as coisas funcionavam mecânica e tecnicamente.

Eu não herdei esse gene.

Ele era um cara naturalmente inteligente que estava sempre sujo, sempre consertando as coisas, sempre remendando. Minhas lembranças mais antigas são dele e meu pai, que trabalhava como seu aprendiz, começando o dia limpos e voltando para casa sujos e resolvendo algum tipo de problema pelo caminho.

P: Fica claro nas suas palavras e na sua voz que você tinha grande admiração por ele.

Rowe: Sim.

P: Mas atualmente algumas pessoas podem menosprezar pessoas com sapatos sujos. Por que isso?

Rowe: Depois de fazer eu mesmo algumas centenas desses trabalhos, formei algumas opiniões sobre isso. Acho que ninguém nunca tentou desmerecer o trabalhador, mas como sociedade declaramos uma espécie de Guerra Fria contra as noções tradicionais de trabalho braçal. Fazemos isso de muitas maneiras diferentes. Na televisão, percebi isso pela primeira vez com *Lifestyles of the Rich and Famous [A Vida dos Ricos e Famosos]*, o primeiro programa que assumiu deliberadamente o oposto da ética puritana do trabalho. Hoje, você pode ver que os trabalhadores são retratados no horário nobre da televisão de uma maneira previsível. Os encanadores pesam 130 quilos e suas calças estão caindo. Os motoristas de caminhões de entrega são pessoas preguiçosas e motivo de piada.

E o setor de publicidade impõe a mensagem que a razão por que não somos tão felizes como poderíamos ser é porque trabalhamos demais. Trabalhamos demais e somos constantemente lembrados que queremos que o fim de

semana chegue logo, sair do trabalho um pouco antes da hora e usufruir da aposentadoria um pouco mais cedo.

Portanto, as noções tradicionais sobre trabalho tornaram-se um alvo. Uma guerra contra o trabalho causa vítimas — profissões em decadência, uma infra-estrutura em frangalhos — e essas coisas nos afetam.

E existem as tendências nacionais mais abrangentes: políticas que levam à terceirização de milhares de empregos industriais americanos, a invenção do microchip e de outras ferramentas tecnológicas que substituem a tradicional caixa de ferramentas.

P: Você quer dizer a transição de uma economia de produção industrial para uma economia baseada na informática?

Rowe: Exatamente. Nós redefinimos o que deve ser um bom emprego. Não é que as pessoas com botas enlameadas sejam consideradas más. Elas simplesmente foram marginalizadas. Não damos mais valor a pessoas como meu avô. Não precisamos denegri-los; simplesmente os ignoramos.

O trabalho pesado precisa de uma campanha de relações públicas, por isso estou criando um site para dar mais atenção a essas questões. O nome do site é MikeRoweWORKS™ [www.mikeroweWORKS.com], e estou pensando em algo parecido com “Rock the Vote” [Agite o Voto], só que mais como “Back to Work” [De Volta ao Trabalho]!

P: Você tem trabalhado como ator, cantor, apresentador de TV, todos empregos bem limpos. Quando você tinha idade para decidir o que queria ser quando crescesse, sua escolha por um emprego limpo foi consciente?

Rowe: Fiz uma escolha deliberada aos 18 anos. Meu avô era nosso vizinho e ele foi tão presente em minha vida quanto meu pai. Eu não conseguia fazer todas as coisas que o meu avô fazia e tinha verdadeiro pavor do fracasso. Tinha reconhecimento e respeito pelo tipo de trabalho que ele fazia, mas decidi me afastar o máximo possível e encontrar alguma coisa que para mim fosse tão fácil quanto a construção era para ele.

P: O que você quer dizer com fracasso? Seu avô pôs um martelo na sua mão e você não conseguiu acertar o prego?

Rowe: Eu conseguia pregar o prego na madeira; mas não era fácil. Eu consigo colocar uma chapa de gesso; só que levo mais tempo. Vivía lutando para fazer o que eles faziam com facilidade. Isso me fazia mal. Eu não sabia nada sobre entretenimento; não sabia nada sobre atuar, mas sabia que isso exigiria uma parte totalmente diferente do meu cérebro. Como disse [o poeta americano] Robert Frost, “Way leads on to way” [Um Caminho Leva a Outro] (de “The Road

Not Taken” [O Caminho Não Escolhido]), certo? O que sei é que de repente estava vestido de viking cantando na ópera nacional. Depois disso, passei a vender coisas no meio da noite no QVC [canal de vendas da TV a cabo]. E a produzir um programa para a American Airlines que passa em todos os seus vôos. E a trabalhar com Dick Clark, depois Joan Rivers; fui ainda viajante freelancer; e agora estou no Discovery Channel.

A grande ironia para mim é que depois de trabalhar 18 anos como freelancer na televisão, finalmente tenho um programa de sucesso em uma rede internacional que é líder mundial em entretenimento de não-ficção. Tudo que tive de fazer para conseguir esse emprego foi voltar ao passado e abraçar exatamente aquelas coisas das quais procurei fugir durante toda a minha vida adulta.

Fugi disso porque não queria que meu pai e meu avô me vissem fracassar. Agora, qualquer sucesso que eu tenha tem um preço específico. Ou seja, a minha disposição para fracassar todos os dias, não apenas diante deles, mas diante de milhões de pessoas em 173 países. A única maneira de homenagear um paisagista realmente bom, por exemplo, é pondo um paisagista novato ao lado dele — no caso, eu — e deixar que o espectador observe os dois fazendo o mesmo trabalho básico. É dessa forma que o programa homenageia essas pessoas. Ao me observarem trabalhando com o paisagista — ou com qualquer trabalhador que estejamos apresentando — os espectadores podem ligar os pontos e perceber que a maioria dos trabalhos é mais difícil do que parece.

P: Você também disse no programa que algumas das pessoas mais felizes que você já encontrou voltam para casa cheirando mal porque trabalham com coisas como esgoto e lixo. Você quer dizer que os trabalhadores que encontrou em empregos sujos são geralmente mais felizes do que os que estão em ocupações mais limpas?

Rowe: Acho que sim, embora isso seja uma generalização. A felicidade é algo subjetivo e difícil de ser definido. Porém, devo dizer que depois de algumas centenas de experiências, o que mais tenho encontrado na vida das pessoas que conheci é o equilíbrio. As pessoas que têm trabalhos sujos mostram um equilíbrio na vida que não encontro em amigos meus que são atuários e banqueiros de investimentos. Eles começam o dia limpos; acabam voltando para casa sujos, mas de alguma forma parece que se divertem mais que todos nós.

Tenho muitas teorias a esse respeito, mas basicamente acho que tem a ver com a sensação da tarefa cumprida. Há tantos trabalhos “bons” hoje em dia que não te dão a sensação de finalização. Para muitas pessoas que trabalham em escritório, às 6h da tarde a mesa de trabalho tem a mesma aparência que tinha às 6h da manhã. Como é que se sabe que algo foi concluído?



Cortesia: Discovery Channel

Rowe tem sua parcela de contratempos no trabalho, como neste dia em uma fazenda de iaques em Montana

As pessoas com quem trabalho... ei, eles pegaram um veado morto na estrada. Eles fazem o trabalho deles e acabou. Você tem uma vala para cavar. Não há nada lá de manhã. À noite, ela está lá. As pessoas com trabalhos sujos vivem em um mundo de constante feedback. Para o melhor ou para o pior, elas sempre sabem como estão se saindo. Isso é importante.

As pessoas que trabalham na construção... o cortador de pedras que pode andar pela cidade e apontar para estruturas que ele criou. Isso é um legado. Até o trabalho qualificado na fábrica é realmente uma coisa compensadora quando bem feito. É exatamente isso que não conseguimos retratar com justiça na nossa cultura de hoje. Quase todo o trabalho manual é apresentado atualmente como sendo uma chatice.

Não deveríamos tentar traçar uma linha rígida entre limpo e sujo, difícil e fácil. Eles não são opostos; são lados diferentes de uma mesma coisa. As pessoas com trabalho sujo parecem ter uma compreensão inata disso — e um melhor equilíbrio na vida.

P: Além dos trabalhos sujos, você também faz trabalhos perigosos. Eu vi você nadando com tubarões, agarrando jacarés, suspenso em teleféricos no topo de um precipício de 3 mil metros de altura. Imagino que faça esses trabalhos por um dia confiante na sua sorte. Mas, na sua opinião, quais são os motivos que levam as pessoas a realizar trabalhos perigosos dia após dia?

Rowe: Vou contar uma história. Você mencionou nadar com tubarões. Eu estava trabalhando aquele dia com Jeremiah

Sullivan, o cara que inventou a roupa contra tubarões, que os mergulhadores podem usar para entrar na água infestada de tubarões e voltar com todos os seus membros em perfeito estado. Então, eu estou em pé na popa do barco com o Jeremiah, prestes a mergulhar em um frenesi de alimentação dos tubarões. Estou embrulhado nessa roupa de proteção contra tubarões, que mais parece a cota de malha usada pelos cavaleiros medievais. Aliás, estou morrendo de medo. Logo antes de pularmos, o Jeremiah me disse, muito francamente:

“Olha, Mike, de homem para

homem, preciso ser sincero com você.”

“O quê?”, perguntei.

Ele disse: “Isso vai doer.” “Você não vai morrer, mas vai doer pra diabo, e você precisa saber disso”. Foi um momento de sobriedade impressionante porque naquele segundo ele colocou a responsabilidade e a consciência diretamente sobre os meus ombros.

P: Vai doer, os tubarões começam a bater em você, tentam mordê-lo e, apesar disso, o Jeremiah continua fazendo isso todos os dias?

Rowe: Todos os dias. O que é interessante nesses lugares onde estive — e que foram corretamente classificados por você como perigosos — é que o índice de lesões e acidentes é muito baixo, porque os trabalhadores ali têm consciência da sua própria segurança pessoal. Eles não se deixam levar por um sentimento de complacência sobre isso. Acho que isso pode ocorrer mais facilmente em uma fábrica ou outro local de trabalho em que a gerência pendura faixas sobre “segurança em primeiro lugar”. Isso se torna uma frase banal, uma expressão da moda, e é aí que as pessoas podem se machucar. A segurança é um problema seu, e é melhor nunca perder isso de vista.

P: Fazendo uma retrospectiva da trajetória sinuosa da sua carreira, o que você diria para alguém que está prestes a se tornar adulto e tenta descobrir o que fazer na vida?

Nadando com tubarões

Mike Rowe conta uma história sobre um de seus trabalhos mais perigosos.

A tarefa do dia era fazer e testar uma “roupa contra tubarões”, um artefato em trama de aço que consiste em milhares de minúsculos anéis de metal que devem ser soldados à mão. Para testar a roupa, eu me dirigi ao mar. Fui acompanhado por Jeremiah Sullivan, um lunático turrão que não tem medo de nada e deveria ter seu próprio programa de televisão. Jeremiah e eu começamos a criar uma imensa poça de sangue e pedaços de atum. Dezenas de tubarões apareceram e cercaram o barco em uma refeição frenética incontrolável. A água era uma massa borbulhante de pele cinza, sangue vermelho e dentes brancos. Daí, usando um equipamento de mergulho completo e a roupa contra tubarões, o Jeremiah pulou bem no meio deles. Eu fui atrás. Juntos, descemos 15 metros em direção ao fundo. Eu me ajoelhei ao lado dele enquanto ele abria uma caixa cheia de iscas de bonito [peixe com tamanho e características entre a cavala e o atum]. Os tubarões adoram bonito, realmente adoram. Em instantes, o pandemônio que ocorria na superfície foi transferido para o fundo do mar. Aí começamos o trabalho de fato, que era testar a eficácia das roupas que usávamos. Em outras palavras, ser mordidos por tubarões. De propósito.

Quando falo que estávamos totalmente cercados por dúzias de tubarões famintos, não estou exagerando. Quando digo que fomos mordidos, atacados e jogados no fundo arenoso não sei quantas vezes, não estou usando uma hipérbole. E quando digo que estava profundamente temeroso pela minha vida, não estou brincando nem um pouco.

Fui mordido umas quatro ou cinco vezes. O Jeremiah foi mordido muito mais vezes. Estamos os dois bem, apesar de machucados. A roupa contra tubarões funciona. Aleluia!

Mike Rowe conta várias de suas experiências no site <http://dsc.discovery.com/fansites/dirtyjobs/dirtyjobs.html>.

Rowe: Existe um termo na literatura grega para um reverso da fortuna. É a *peripeteia*: quando o personagem percebe que havia errado em tudo, quando Édipo descobre que estava dormindo com a própria mãe. Bruce Willis compreende no final de *O Sexto Sentido* que estava morto durante todo o filme. Essa é a descoberta da peripécia. Portanto, eu diria a alguém de 19 anos que não é nenhum problema perceber que se está completamente errado sobre alguma coisa.

Passei por um desses momentos há alguns anos: tudo que eu pensava saber sobre trabalho estava errado. O que vi quando criança estava certo. Percebi como tinha extrapolado em minha intenção de me afastar daquilo o máximo possível. Agora, por meio do destino, da sorte ou do acaso, fui forçado a voltar atrás e estou totalmente cercado pelos mesmos tipos de pessoas com as quais cresci. Passei 20 anos evitando algo para o qual eu parecia estar destinado, e está tudo bem. Tudo está acontecendo do jeito que deveria ser.

Portanto, o conselho prático para alguém de 19 anos é: não limite suas opções. Não faça isso. Atualmente, muitas pessoas de 18 e 19 anos não ouvem falar em ter uma carreira lucrativa nas profissões técnicas. Isso não faz parte do caminho que a maioria dos pais acha que seus filhos deveriam seguir. O caminho da faculdade, os empregos “ideais”, as roupas “ideais”, o estilo de vida — tudo o que celebramos nesta cultura realmente não promove o encanador, o electricista, ou os que instalam e consertam grandes sistemas de tubulação. Pode-se até olhar para esse tipo de vida e dizer, não, prefiro ser um executivo. Sem problema. Tudo o que sugiro é que se veja todas as opções antes de tomar qualquer decisão.

Quero que esse site, o *mikeroweWORKS*, realmente ajude os jovens a tomar algumas dessas decisões, apresentando as opções sobre oportunidades de trabalho especializado. Já recebi muitos retornos legais, grande parte deles de pais que querem um lugar em que eles e os filhos possam buscar opções de carreiras que não sejam necessariamente dependentes de uma faculdade. Quero que os jovens possam fazer isso, e que todos os encanadores, electricistas e todos os tipos de empreiteiros digam que gostariam de um lugar para bater papo, trocar histórias e experiências. No final, vejo o *mikeroweWORKS* como um local sólido onde as pessoas possam se reunir para compartilhar, ensinar e celebrar o próprio ato de trabalhar. ■

As opiniões expressas nesta entrevista não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.



Parabéns, pessoal

Juiz da Suprema Corte dos EUA Stephen Breyer: Nossas Escolhas Escrevem uma História



© Josh Reynolds/AP Images.

O juiz da Suprema Corte Stephen Breyer conversa com estudantes na Escola de Direito de Harvard, em Cambridge, Massachusetts

O melhor conselho que recebi quando tinha a idade de vocês foi de Bayless Manning, ex-diretor de escola de direito. E devo repeti-lo. Bayless percebeu que eu, como vocês, estava ansiosamente me perguntando: O que virá agora? Ele salientou que quando tomamos uma decisão pessoal importante, raramente sabemos mais do que 10% de tudo o que gostaríamos de saber. Sabemos que nossa decisão abrirá algumas portas, mas em geral não temos como saber quais serão fechadas.

Sofremos com a decisão, mas às vezes sofrer não ajuda. Às vezes devemos simplesmente escolher. Assim que a decisão é tomada, nossas vidas passam a ser organizadas em função das escolhas feitas. Essas escolhas, então, escrevem uma história — e essa é uma metáfora que me pareceu útil. A vida de cada pessoa é uma história de paixão, com momentos de alegria e felicidade, de tragédia e tristeza. E a história de cada um é diferente uma da outra...

O que fazemos e como explicamos nossas escolhas nos diz quem somos. Não podemos fugir do sentido negativo que a falta de integridade — deixar de viver de acordo com nossos próprios padrões de certo e errado — dará às histórias que nós mesmos formulamos. Concordo com o filósofo que disse que o dinheiro pode acabar da noite para o dia, o poder pode desaparecer, a reputação pode evaporar, mas o caráter — a integridade pessoal — é uma rocha que permanece firme.

O juiz Breyer discursou para a turma de formandos da Universidade Nova Escola, na cidade de Nova York, em 2005. (Trecho usado com permissão.)

Escolha de Profissão em Tempos de Mudança

Phyllis McIntosh



© Damian Dovarganes/AP Images

A cidade de Los Angeles, Califórnia, tem um Serviço de Empregos na Área Metropolitana em que pessoas à procura de emprego podem buscar por vagas on-line

As tecnologias de avanço rápido e o realinhamento econômico trouxeram turbulências significativas ao mercado de trabalho americano, mudando o modo como os jovens fazem escolhas quando saem da escola e partem para o trabalho.

Phyllis McIntosh é jornalista freelancer em Washington, DC, com ampla experiência na cobertura de questões de emprego.

Em certos aspectos, nunca foi tão fácil para os jovens americanos buscar uma carreira. Uma riqueza de informações sobre oportunidades de educação, empregadores em potencial e aberturas de vagas específicas está tão próxima quanto o computador mais próximo. Contudo, muitos jovens atualmente levam mais tempo do que os das gerações anteriores para concluir sua educação, encontrar um emprego que lhes seja adequado e optar por

uma carreira. São exigentes com relação aos empregos que aceitam e provavelmente mudam de emprego com mais frequência. Para essa geração, lealdade entre empregador e empregado é um conceito ultrapassado.

SURFE CIBERNÉTICO EM BUSCA DE CARREIRAS

Nenhum desenvolvimento teve mais impacto sobre a forma como os americanos procuram empregos do que a internet. No passado, os estudantes universitários não tinham outra opção a não ser frequentar feiras de profissões, reunir-se com representantes de empresas e ler grande quantidade de informações no centro de profissões do campus para inteirar-se das possibilidades em sua área. Atualmente, os estudantes podem, conforme sua conveniência, pesquisar empregadores

em potencial via sites de empresas e até mesmo candidatar-se a vagas on-line.

“Muitos alunos acham mais confortável pesquisar de maneira passiva”, afirma Edwin W. Koc, diretor de pesquisa da Associação Nacional de Faculdades e Empregadores (Nace). “A desvantagem é que isso dificulta para os empregadores avaliar o aluno como um candidato a uma vaga. Os empregadores aqui nos Estados Unidos ainda confiam muito no contato pessoal. Nossas pesquisas mostram que os estudantes que conseguem empregos mais cedo são aqueles que combinam pesquisa na internet com encontros pessoais com os empregadores.”

As mais novas ferramentas on-line para pessoas à procura de emprego são os populares sites de relacionamento, como o Facebook, o MySpace e o LinkedIn, que permitem aos usuários divulgar instantaneamente para centenas de pessoas que eles estão no mercado à procura de um tipo particular de emprego. Os empregadores também estão recorrendo a esses sites para preencher vagas. Nas pesquisas conduzidas por Koc, cerca de 16% de empregadores dizem usar os sites de relacionamento como parte do sistema de recrutamento e 7% dos estudantes dizem ter sido contatados diretamente por um empregador por meio de um site de relacionamento. O aspecto negativo para os candidatos é que muito mais empregadores – 44% – usam os sites para conferir os perfis dos candidatos ao emprego, segundo pesquisa feita pelo www.Vault.com, site voltado para carreiras. Mais de 80% desses empregadores afirmam que encontrar algo negativo no perfil de um candidato on-line afetaria sua decisão de contratar.

A internet também está possibilitando que um número cada vez maior de americanos obtenha diplomas universitários on-line, uma conveniência principalmente para alunos mais velhos com empregos e responsabilidades com família. Contudo, em pesquisa do Vault, 63% dos empregadores revelaram que favoreceriam um candidato com diploma universitário tradicional em detrimento



Alunos da Faculdade Técnica e Comunitária Estadual de Cincinnati podem procurar oportunidades de trabalho nos quadros de avisos em todo o campus. Muitos sistemas de faculdades comunitárias financiados pelo Estado enfatizam de maneira especial o treinamento de estudantes para especialidades de emprego procuradas por empregadores particulares daquela área

© Al Behrman/AP Images

de um com diploma on-line. No lado positivo, 83% dos empregadores e gerentes contratantes consideram os diplomas on-line mais aceitáveis agora do que há cinco anos.

ADIAMENTO DA VIDA ADULTA

Embora a procura de emprego possa ser mais fácil, os jovens americanos parecem estar tendo mais dificuldade para traçar o rumo de suas vidas. De fato, segundo John Flato, vice-presidente de pesquisa e consultoria do Vault, muitos precipitam-se em uma profissão em vez de buscar sua educação com um objetivo claro com relação à carreira. Metade de todos os alunos universitários muda sua área de habilitação principal durante o primeiro ano. E, embora mais de 40% dos calouros planejem fazer cursos de pós-graduação ou frequentar uma escola de formação profissional, esse número cai para 20% quando estão no último ano. Estudo da Nace mostrou que a maioria dos estudantes universitários escolhe uma área de habilitação principal porque gosta dos trabalhos do curso. Exceto em áreas como engenharia, em que o trabalho de graduação é estritamente planejado para preparar os

alunos para uma carreira específica, os alunos não relacionam sua área de habilitação principal com o que farão quando se formarem, relata Koc.

Talvez por causa de toda essa incerteza, os alunos universitários levam agora em média seis anos para concluir o que costumava ser um curso de quatro anos, afirma Flato. Uma das razões, observa, é que as faculdades estão ansiosas para segurarem os alunos e não permitem aos que mudam de área de habilitação fazer uma carga de cursos extra para se formarem no prazo tradicional de quatro anos.

O diploma universitário tampouco lança os jovens automaticamente na vida adulta. De modo geral, casam mais tarde e por razões econômicas muitos voltam para casa. Pais zelosos ficam satisfeitos em prover apoio financeiro continuado e alguns ficam profundamente envolvidos na vida de seus filhos adultos – ao ponto até mesmo de, afirmam especialistas em carreira, acompanhá-los a entrevistas de emprego ou de telefonar a um empregador para descobrir porque seu filho ou filha não foi contratado.

Para muitos jovens formados, o primeiro emprego é meramente um trampolim; metade deles muda de emprego dentro de 12 a 18 meses. “De certa forma, o processo exploratório que costumava ocorrer na faculdade está sendo feito durante os primeiros anos na força de trabalho”, diz Daniel H. Pink, escritor e palestrante sobre questões de carreiras e emprego. “Uma certa dose de precipitação [em uma profissão] é inevitável e acho saudável quando se tem um mercado de trabalho difícil de prever.”

TENDÊNCIAS DE MUDANÇAS

Uma das mudanças mais significativas nos Estados Unidos é o desaparecimento da lealdade de longo prazo a um empregador. Os jovens reconhecem que mudar de emprego é o modo mais rápido de avançar em termos de salário e responsabilidade e, ao contrário de seus pais e avós, poucos esperam permanecer na mesma empresa por décadas. Também não esperam lealdade de longo prazo e segurança de emprego por parte de seus empregadores. “As pessoas vêem seus amigos e familiares perderem o emprego por demissões, rescisões de contratos e aquisições, portanto, dizem que se as empresas vão fazer isso, eu vou pensar em mim”, observa Flato.

Por sua vez, os empregadores estão facilitando a mudança de emprego mais do que nunca. A cobertura de seguro-saúde para novos funcionários geralmente começa imediatamente, sem período de carência, e as aposentadorias tradicionais oferecidas pelas empresas foram substituídas por planos de aposentadoria 401 (K). Os empregados fazem suas contribuições para esses planos e mantêm os fundos mesmo quando deixam o emprego.

Mais do que qualquer outra geração anterior, os jovens americanos procuram significado em seu trabalho.

Pesquisas mostram que eles procuram empregadores que sejam ecologicamente corretos e socialmente responsáveis e querem empregos nos quais possam fazer diferença no mundo. Também são atraídos por empregadores que oferecem várias comodidades no local de trabalho, tais como academia de ginástica, assistência médica e creche, barbearia, serviços de lavanderia e tinturaria – qualquer coisa que facilite conciliar trabalho e vida pessoal. Em várias pesquisas recentes, estudantes universitários questionados sobre quem seriam seus empregadores ideais colocaram em primeiro lugar a gigante de ferramenta de busca Google, famosa por seu ótimo refeitório gratuito e por outras comodidades para os funcionários.

Para um significativo contingente de jovens, a localização geográfica é fator decisivo para aceitar um emprego. Alguns procuram um certo estilo de vida em uma grande cidade ou próximo a ela ou em uma região específica do país. Muitos também preferem ficar com o que lhes é familiar e recusam uma oferta de emprego porque é muito longe de casa, segundo estudo da Nace.

Apesar de suas exigências, os universitários recém-formados podem esperar que as oportunidades de emprego continuem relativamente grandes, dizem os especialistas, à medida que a economia americana saia da recessão. Contratações de jovens são atraentes para os empregadores, porque são menos caros para recrutar e mais receptivos a treinamento no local de trabalho do que os funcionários mais antigos. Quando os trabalhadores nascidos nos anos após a Segunda Guerra Mundial – os chamados *baby boomers* – começarem a se aposentar nos próximos anos, muitas vagas se abrirão, especialmente no governo e no setor da educação, prevê Koc. Ele acrescenta que as perspectivas de vagas em geral permanecerão boas nas áreas de administração de empresas – área de habilitação mais popular nas universidades dos Estados Unidos –, embora muitos empregos no setor financeiro tenham desaparecido em consequência do caos nos mercados americanos no final de 2008.

Como as tarefas rotineiras são cada vez mais atribuídas aos computadores, “habilidades como arte, criatividade, empatia e raciocínio amplo, já tão valorizadas hoje, se tornarão ainda mais importantes”, afirma Dan Pink.

Uma coisa é certa: na economia de hoje, nada é mais constante do que a mudança, tanto no modo como os jovens americanos vêem as profissões, quanto nos tipos de vagas que ocuparão. Como diz Pink: “Alguns jovens podem esperar conseguir empregos daqui a 10 ou 20 anos em setores que talvez nem mesmo existam hoje e ter cargos cujo título provavelmente ainda não consta do vocabulário atual.” ■

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

Prestando Serviço Público, Ganhando uma Profissão

Siobhan Dugan



Cortesia: CNCS

Os membros da AmeriCorps trabalham com várias organizações sem fins lucrativos para atender necessidades sociais, como a construção de casas para os sem-teto

Há mais de 40 anos, o governo dos EUA patrocina programas que engajam jovens no serviço público. Esses programas são amplamente financiados por contribuições feitas por seus participantes. Os jovens voluntários também saem dos programas com uma nova visão de seus talentos, capacidades e futuro.

Siobhan Dugan is a public affairs specialist at the Corporation for National and Community Service, the parent organization of AmeriCorps, which offers 75,000 opportunities each year for adults to help meet critical community needs across the country.

Os membros da AmeriCorps são conhecidos pela ajuda que prestam aos outros. Eles mantêm programas extracurriculares, constroem trilhas em parques nacionais, apagam incêndios florestais e prestam ajuda imediata em desastres nacionais que vão dos ataques terroristas de 11 de setembro ao Furacão Katrina. As pessoas atendidas por eles são imensamente gratas por seus esforços. Mas o que acontece quando um membro da AmeriCorps termina uma temporada de serviço de um ano?

Muitos membros da AmeriCorps concordam que seu serviço os ajuda a desenvolver habilidades que os preparam para suas futuras profissões. Eles também afirmam que a AmeriCorps os ajuda a descobrir quais profissões desejam buscar. Essas opiniões são comprovadas pelo *Still Serving: Measuring the Eight-Year Impact of AmeriCorps on Alumni* [Ainda a Serviço: Uma Medida do Impacto da AmeriCorps sobre seus Ex-Alunos ao longo de Oito Anos], relatório de 2008 que analisou os impactos do serviço da AmeriCorps sobre um grupo de 2 mil membros oito anos após seu serviço em comparação com um grupo-controle de indivíduos semelhantes que não prestaram serviço.

O estudo, o mais rigoroso já realizado sobre os impactos da AmeriCorps sobre seus membros, demonstrou de forma conclusiva que a organização lhes oferece novas oportunidades de carreira e benefícios no mercado de trabalho. Cerca de 80% de seus membros afirmaram que seu serviço os colocou em contato com novas opções de carreira, e mais de dois terços dos antigos membros afirmaram que seu serviço representou uma vantagem na busca por um emprego após terem concluído seu período na AmeriCorps.

PRESTANDO SERVIÇO AOS JOVENS

Consideremos Brian McClendon, 29, que cresceu no Harlem, na cidade de Nova York, e é associado à ONG que hoje se chama Harlem Children's Zone desde o ensino médio. Atualmente supervisiona os membros da AmeriCorps e trabalha diretamente com as crianças contempladas pelo programa de serviço comunitário, sem nunca esquecer que já esteve na situação delas.

O serviço como membro da AmeriCorps forneceu a McClendon a estrutura para suas atuais funções de gestão. “Sem essa base”, afirmou, “não acho que teria sido bem-sucedido”. A AmeriCorps também lhe deu “a oportunidade de trabalhar com



Foto: M.T. Hammon/ Cortesia: CNCS

Torie Bowman trabalhou em projetos referentes a bacias hidrográficas nos estados do Oeste dos EUA. O serviço na AmeriCorps motivou-a a buscar uma carreira em Direito Ambiental

famílias, com crianças na comunidade, e de aperfeiçoar minhas habilidades sociais. Lidar com tantas personalidades diferentes, atendendo suas necessidades, tem sido uma experiência maravilhosa”.

O serviço na AmeriCorps colocou-o em contato com uma enorme quantidade de novas habilidades, que incluem resolução de conflitos, mediação e gestão da sala de aula. “Acima de tudo, adquiri a capacidade de servir como líder em minha classe, minhas escolas e minha comunidade”, disse.

O serviço também lhe trouxe novos planos de carreira. Quando criança e adolescente, havia imaginado um futuro relacionado com a aplicação das leis; formou-se em Justiça Criminal. A AmeriCorps mudou seu objetivo, conta, mas há uma relação com seus novos objetivos no serviço comunitário. Ele vê seu papel como “prevenir problemas e evitá-los”. Quando a polícia se envolve em uma situação “é tarde demais, a lei já foi desrespeitada”. Ao contrário, McClendon afirmou, quando se trabalha com os jovens mais cedo, especialmente durante a primeira infância, isso “dá-lhes uma chance de lutar. É uma influência muito mais potente”.

Embora ele ainda tenha muito respeito pelo lado da equação que cabe à Justiça Criminal, vê sua escolha de profissão como tendo um “impacto mais profundo” sobre as pessoas atendidas pela Harlem Children’s Zone. Desde a década de 1970 a organização tem oferecido programas nas áreas de educação, serviço social e desenvolvimento comunitário para as

crianças e famílias que vivem no Harlem.

Atualmente, ele também faz mestrado em Administração Pública, que lhe conferirá “mais cacife [credenciais] na área de gestão do sistema de serviço público. Eu não teria decidido fazer isso não fosse por minha experiência na AmeriCorps”.

PROTEGENDO A ÁGUA

No centro-oeste do país, no Colorado, Torie Bowman, atualmente membro da AmeriCorps, pretende dar um novo rumo à sua vida quando seu período de serviço terminar. Como aconteceu para McClendon, a AmeriCorps colocou Torie em contato com uma carreira diferente, que dará continuidade ao trabalho que

está fazendo agora.

Torie, 25, é líder de uma equipe da AmeriCorps Vista junto à Equipe de Proteção à Água Western Hardrock e trabalha com questões referentes à qualidade da água, especialmente quando afetada por minas. O programa se esforça por conscientizar os grupos a respeito da preservação das bacias hidrográficas com o intuito de começarem a trabalhar em conjunto para além de fronteiras políticas, como as estaduais. Ao concentrar-se sobre o nível das bacias hidrográficas, Torie esforça-se por reunir os grupos em torno de questões comuns.

Enquanto líder de equipe, Torie recruta outros membros da Vista para prestarem auxílio a outros grupos preocupados com as bacias hidrográficas. Ela deu início a seu serviço na Vista no ano passado com a Equipe de Preservação das Bacias Hidrográficas Appalachian Coal Country, na Virgínia Ocidental. Seu trabalho concentrou-se nas bacias hidrográficas de pequenas comunidades mineradoras históricas, nas quais a indústria da mineração teve efeitos negativos sobre as bacias hidrográficas. “Faço inúmeras visitas a bacias hidrográficas, formo redes de contatos e desenvolvo parcerias em todo o estado”, disse. Ela também organiza eventos para sessões de treinamento e encontros da Vista, além de elaborar inúmeros projetos de doações.

A experiência tornou Torie apta a prestar o Teste de Aptidão da Faculdade de Direito, com o objetivo final de

trabalhar com direito ambiental. Trabalhou como guia de *rafting* durante dois anos antes de entrar para a AmeriCorps. “Os termos de minha carreira e do serviço foram uma transição enorme para mim, aprendi a usar o cérebro, e não só o corpo”, afirmou.

Torie graduou-se em História da Arte e da Religião pela Universidade Wake Forest em 2005. “O título é sem dúvida um dos motivos pelos quais procurei a Vista”, disse. “Ele não me deu nenhuma idéia de quais são minhas habilidades práticas. Queria trabalhar intensamente com algo que me permitisse desenvolver essas habilidades.”

Ela definitivamente atingiu esse objetivo. “Para mim, praticamente tudo que sei sobre mim mesma veio de minha experiência de serviço. Aprendi que gosto de trabalhar com pessoas. Dou conta de trabalhar com a documentação, mas mais do que isso, adoro apresentar as pessoas, formar redes de contato e desenvolver parcerias. Isso me forçou a compreender algumas questões e a ser uma pessoa bem informada, especialmente em assuntos referentes à qualidade da água.”

Entretanto, Torie acha que trabalhar numa organização sem fins lucrativos pode ser limitante. “A faculdade de Direito me pareceu um caminho para ser mais eficiente, especialmente no trabalho com a qualidade da água.” Segundo Torie, o Colorado tem sido um bom lugar para envolver-se com questões referentes à qualidade da água. A qualidade da água é importante em toda parte, mas a qualidade e a quantidade da água são gerenciadas com rigor nesse estado das Montanhas Rochosas devido à escassez do recurso.

Atualmente, Torie está se candidatando para faculdades de Direito, tendo como meta as mais bem conceituadas faculdades de Direito Ambiental. Ela também deseja estudar questões legais relacionadas com os índios americanos, um interesse que foi despertado quando estudou a política e a espiritualidade dos índios americanos na faculdade.

COMUNICANDO-SE NAS COMUNIDADES

Angelina Moya, 23, está hoje à procura de um emprego em sua cidade natal de Aurora, em Illinois, e na cidade vizinha de Chicago, após concluir sua temporada de serviço junto ao Corpo Comunitário Civil Nacional (NCCC) da AmeriCorps em julho. É formada em Estudos de Comunicação e deseja usar a combinação de sua formação universitária com a experiência no serviço comunitário para encontrar uma vaga no terceiro setor.

“Descobri que [procurar emprego] é um grande desafio”, disse. “O mercado de Chicago é competitivo e as organizações estão enfrentando dificuldades financeiras.”

Isso à parte, ela afirmou que seu serviço no NCCC lhe forneceu uma rica experiência em áreas cruciais. Os membros

do NCCC estão distribuídos em equipes de 10 a 12 pessoas que trabalham juntas durante um ano e dividem moradias que se assemelham a dormitórios.

“Uma das melhores coisas que aprendi com o NCCC foram habilidades interpessoais”, afirmou Angelina. “Minha equipe era muito diversificada, com várias personalidades diferentes. Tínhamos personalidades fortes. Esse é um dos desafios, mas também um dos melhores aspectos da minha experiência. Como o trabalho com pessoas diferentes é um ponto pacífico na maior parte dos locais de trabalho, Angelina reconhece a necessidade de flexibilidade. “Acho que estou um pouco mais aberta agora”, afirmou.

Angelina trabalhou em projetos amplamente distintos em várias localidades enquanto esteve no NCCC. Em Lake Charles, Louisiana, cujos moradores ainda lutam com os estragos do Furacão Rita em 2005, sua equipe trabalhou em um projeto de Habitações para a Humanidade, construindo uma casa sobre palafitas de 4,2 metros para protegê-la de furacões futuros. Em Ketchikan, no Alasca, sua equipe reformou um edifício de cem anos para transformá-lo em um centro comunitário para jovens. Em um outro projeto em Louisiana, sua equipe trabalhou em um depósito da Habitações para a Humanidade, fornecendo material para as casas em construção.

Além de seu papel como membro da equipe, Angelina trabalhou como contato de mídia para sua equipe. “Antes do NCCC, minha [experiência em] Estudos da Comunicação era tão ampla que eu precisava reduzi-la. Agora tenho essa experiência com o serviço comunitário e desenvolvi interesse e amor por isso, então desejo continuar. Isso me ajudou a tornar meus planos de futuro e o desenvolvimento de minha carreira mais sólidos.”

Embora o serviço na AmeriCorps tenha fornecido a esses três membros uma experiência que contribuirá para que sejam bem-sucedidos em suas carreiras, nenhum deles considera este o aspecto mais importante do programa. Os membros da AmeriCorps têm grande impacto sobre as pessoas às quais prestam auxílio. Nas palavras de Brian McClendon: “Acho que salvamos muitas vidas; muitas vidas precisavam ser salvas. Estou na linha de frente.” ■

A AmeriCorps é um programa da Corporação para Serviço Comunitário Nacional, um órgão federal que melhora vidas, fortalece as comunidades e promove o engajamento cívico por intermédio da prestação de serviços e do voluntariado. A cada ano, a corporação engaja mais de 4 milhões de americanos de todas as idades e formações em seu serviço para atender às necessidades locais por meio de seus programas Senior Corps, AmeriCorps, Vista, NCCC e Aprender e Servir aos EUA. Para mais informações, visite www.nationalservice.gov.

Mais Poder às Comunidades

Gwen Moore



Foto: Jeffrey Phelps. Cortesia: Milwaukee Journal-Sentinel. Publicado com permissão

A congressista Gwen Moore beija os membros de um grupo de dançarinos que se apresentaram na noite anterior à sua eleição para o Congresso em 2004. Ela foi eleita para seu terceiro mandato em 2008

Antes da Americorps veio a Vista (Voluntários a Serviço dos EUA), criada em 1965 como parte da Guerra à Pobreza declarada pelo presidente Lyndon Johnson. Cerca de dez anos mais tarde, uma jovem afro-americana juntou-se à Vista para ajudar seu bairro em Milwaukee, Wisconsin, dando início a toda uma vida de serviço.

Gwen Moore é membro da Câmara dos Deputados dos EUA, eleita em 2004, e a primeira afro-americana a representar o estado de Wisconsin no Congresso. Antes de servir como parlamentar, foi titular de um cargo eletivo do governo estadual durante 14 anos e reconhecida como Voluntária Vista no decênio de 1976-1986.

“**E** ncontraremos um caminho, ou então criaremos um.”
Esse era o lema quando me juntei aos Voluntários a Serviço dos EUA na década de 1970, e tornou-se meu mantra pessoal.

Fui para a Vista porque o bairro em que cresci havia perdido o rumo. Fui membro do conselho da Associação do Bairro de Midtown em minha cidade natal, Milwaukee, em Wisconsin; lutávamos para tirar as pessoas da pobreza.

Morei em Midtown durante toda minha vida e percebia o pântano financeiro que sugava a comunidade.. Pessoas que ganhavam muito pouco pagavam taxas abusivas por empréstimos e seguros. As instituições financeiras tradicionais não queriam prestar serviços em bairros urbanos pobres. Os negócios ruíam e fechavam. No conselho da associação, sabíamos que a falta de recursos financeiros era um elemento determinante no declínio de nosso bairro. As instituições não investiam nos bairros vizinhos, e as oportunidades que geralmente se apresentavam em outros lugares não passavam de sonhos. O grupo do meu bairro percebeu que nossa comunidade precisava de uma instituição financeira local que lhe proporcionasse uma estrutura sobre a qual construir um futuro estável.



Moore (na primeira fila, a segunda da esquerda para a direita) esteve entre esse grupo de membros da VISTA concluindo um programa de treinamento em 1982

© 1982. Cortesia: CNCS

O conselho da associação pediu-me para que eu me tornasse membro da Vista e organizasse uma iniciativa em busca de maior poder financeiro. Nosso projeto era estabelecer a Cooperativa de Crédito Cream City para o Desenvolvimento Comunitário de modo a oferecer financiamento e empréstimos básicos para projetos que criassem empregos, estimulassem as empresas locais e contribuíssem para o desenvolvimento das áreas carentes de Milwaukee.

Tivemos de começar do princípio. Não tínhamos grampeadores, canetas, papel nem mesas de trabalho. Pedimos, emprestamos e negociamos preços mínimos para comprar móveis e material de escritório. Meus colegas e eu trabalhamos praticamente todas as noites, fins de semana e feriados para transformar nosso sonho em um empreendimento.

No início de novembro de meu primeiro ano, soubemos de um programa de empréstimo do governo federal que nos poderia fornecer algum capital operacional. O prazo para inscrição de 30 de novembro estava a menos de um mês. Trabalhamos dia e noite reunindo a documentação e os formulários necessários. Dias antes do prazo, trabalhamos durante o feriado de Ação de Graças, reunidos em torno da mesa de minha sala de jantar para concluir a inscrição e nosso plano de trabalho. Terminar esse trabalho comendo peru ao molho de *cranberries* é uma de minhas lembranças de feriado preferidas. Nossa dedicação foi bem recompensada e recebemos um empréstimo de US\$ 10 mil, que nos forneceu o capital inicial para abrimos a cooperativa de crédito.

Então tivemos de conquistar os moradores da comunidade. Batendo de porta em porta, convencemos os moradores a abrir contas na Cream City. O saldo mínimo para a abertura de uma conta era US\$ 50, muito dinheiro em uma comunidade na qual a maioria das pessoas vivia de ajudas assistenciais. Mas conseguimos contas suficientes para provar que a Cream City poderia

tornar-se uma instituição valorizada na comunidade.

Quando finalmente conseguimos abrir as portas da Cream City, fiquei estupefata com o efeito que teve sobre a comunidade. As pessoas se sentiram capazes de começar a pensar em desenvolver ativos em vez de simplesmente dar um jeito para pagar as contas. Podiam investir na comunidade por meio de um empréstimo para adquirir um imóvel ou abrir uma pequena empresa, o qual retornava para a comunidade com a contratação de seus moradores ou a melhoria de sua pequena área do bairro.

As atividades econômicas em Midtown começaram a florescer. Formaram-se grupos que acabaram por montar uma lavanderia automática e uma clínica de saúde. A Cream City criou um ímpeto econômico que levou ao desenvolvimento imobiliário e melhorou a qualidade de vida. Outras empresas surgiram, o orgulho da comunidade aumentou e o bairro viveu um renascimento.

Muitas pessoas acreditam que o lugar onde se nasce determina o lugar ao qual se chega. Não foi isso que aconteceu comigo, nem deveria acontecer com ninguém. A Vista — hoje conhecida como AmeriCorps-Vista — fez a diferença para mim e para a comunidade onde cresci. Hoje, mais de 30 anos depois, a área de Midtown está florescente, crescendo e orgulhosa. A Cooperativa Federal de Crédito Cream City abriu caminho para que essa pequena comunidade de uma área carente da cidade tomasse as rédeas de seu destino. A Cream City acabou por transformar-se em outra instituição, na qual minha família tem conta ainda hoje.

Em minha experiência com a Vista aprendi o valor da auto-ajuda, da formação de coalizões, da cooperação inter-racial e da mobilização. Ganhei auto-confiança, paciência e fé, além de habilidades financeiras, de formação de redes de contato e de organização. Acima de tudo, percebi que grandes coisas podem ser conseguidas com a força coletiva da comunidade, o que aumentou meu compromisso com o serviço comunitário. Hoje trabalho na Comissão de Serviços Financeiros da Câmara dos Deputados dos EUA e tenho a oportunidade de ajudar outras comunidades em dificuldades. Sem meu serviço junto à Vista duvido que tivesse sido possível alcançar essa posição. Without my VISTA service, I doubt I would have been able to attain this position.

Mas meu serviço na Vista não teve o propósito de empoderar a mim mesma — ele visou a empoderar as pessoas e a comunidade. Projetos como a Cooperativa de Crédito Cream City para o Desenvolvimento Comunitário são um legado da Vista porque abriram um caminho que foi seguido por outros. Esse caminho indica o rumo para sair da pobreza. ■



Parabéns, pessoal

Artista Recordista Billy Joel: Meu Trabalho Virou Meu Amigo



@ Alex Brandon/AP Images

O cantor e compositor Billy Joel entoa o hino nacional no Super Bowl de 2007, um dos maiores eventos esportivos do ano

Parabéns a todos por levarem adiante suas aspirações acadêmicas. Eu não pude fazer isso. E hoje me arrependo de não ter estudado mais. Isso me ajudaria em minhas próprias iniciativas musicais. Sou indagado com frequência por que estou mudando, por que estou fazendo diferentes tipos de música. Citando Bob Dylan na música “*It’s Alright Ma*”, “Aquele que não está ocupado em nascer, está ocupado em morrer. E é por essa razão que estou fazendo isso.

Tenho certeza de apenas uma coisa na minha vida. Eu sabia do que gostava e fiz o que gostava de fazer. E, nesta altura da vida, continuo a gostar do que faço. Nunca fiz isso para ganhar muito dinheiro. Fiz isso para ganhar a vida. E foi assim que fiz a vida. Suponho que o que eu esteja dizendo aqui é que meu trabalho virou meu amigo, minha sorte e meu grande amor. E apesar das metas pessoais elevadas que formulei, a vida deu voltas e me abriu caminhos nunca antes imaginados. Mas aprendi a me adaptar. As lições de sobrevivência serviram de estofo para material futuro. Tomando emprestado uma outra grande frase de Bernie Taupin e de meu bom amigo Elton John: “Ainda estou de pé”. Antes de tudo, ainda estou de pé aqui em Long Island, de onde eu sou.

Billy Joel falou na Faculdade de Southhampton, da Universidade de Long Island, em 2000. Músico com formação clássica e décadas de sucesso nas paradas, ele está inscrito no Hall da Fama dos Compositores e no Hall da Fama do Rock and Roll. (Trecho usado com permissão).

Cada Chamada é Diferente

Andrea Clark



Cortesia: Andrea Clark

Andrea Clark com seu equipamento completo no posto de bombeiros da Prefeitura de Fairfax, na Virgínia

Bombeira lembra como desistiu da carreira de engenheira para abraçar uma profissão de salário mais baixo e alto risco.

Andrea Clark é bombeira veterana e paramédica há 15 anos. Ela contou sua história à jornalista freelancer Phyllis McIntosh.

Fazia apenas um ano que exercia minha carreira de engenheira quando decidi que isso não era para mim e quis me tornar bombeira. Obtive o diploma de bacharel em Engenharia Eletrônica em 1991 e comecei a trabalhar para o Departamento do Exército em seus laboratórios de equipamento de visão noturna, onde atuei principalmente em contratos para desenvolvimento de câmeras específicas. Meu supervisor queria que eu passasse por todos esses estágios para que pudesse progredir, mas sou uma pessoa ativa e não gosto de ficar sentada. Eu já tinha familiaridade com o

combate a incêndios por ter sido bombeira voluntária desde a faculdade, então decidi – sabe o quê? — era tempo de mudar de carreira.

Fiz minha inscrição em um curso de dois anos de Ciência dos Incêndios em uma faculdade comunitária local e comecei a fazer testes escritos e físicos para ser contratada como bombeira profissional. Recebi ofertas de emprego ao mesmo tempo da Prefeitura de Fairfax e do Condado de Fairfax, na Virgínia do Norte. A decisão foi difícil, mas por fim optei pelo departamento da cidade, menor, com dois postos e 65 pessoas. É um ambiente familiar. Todos se conhecem e se vêem com mais frequência em comparação com o departamento maior do condado, que possui 41 postos.

Fui a segunda mulher a ser empregada pelo meu departamento. Uma coisa que aprendi é nunca dizer que posso fazer algo que está fora do meu alcance. Entendo



Cortesia: Andrea Clark

A escala de trabalho de Andrea como bombeira permite que ela dedique mais tempo aos seus filhos, Benjamin e Kendall, nesta foto aos 3 e 8 anos

minhas limitações e não tive receio de pedir ajuda ou esclarecimento. Os rapazes respeitaram isso.

Gosto de ser bombeira porque cada chamada é diferente, quer estejamos respondendo a uma emergência médica, a um alarme de incêndio ou de fato indo combater um incêndio estrutural. É um trabalho bem físico. Mas eu sempre fui uma pessoa ativa, fisicamente em forma e fiz esportes na fase de crescimento, então, a atividade física me manteve interessada no trabalho.

É um trabalho inerentemente perigoso, mas isso em geral não é a primeira coisa que me passa pela cabeça. Se nos arrastamos para dentro de um edifício em chamas ou atendemos o incêndio de um automóvel, para mim é sempre empolgante.

Fiz carreira nos meus 15 anos no departamento. Comecei como bombeira, tornei-me paramédica, depois disso fui tenente e chefe de bombeiros por cinco anos. Inspecionei edifícios na cidade para garantir que estavam de acordo com o código de segurança contra incêndios. Quando havia um incêndio, eu investigava e determinava se tinha sido acidental ou proposital. Eu tinha poderes de polícia para dar ordem de prisão, se necessário.

Enquanto isso, tive dois filhos, agora com 11 e

6 anos, e decidi que precisava voltar para o regime de plantões para ter mais tempo com a minha família. Surgiu uma vaga de capitão e é ela que atualmente ocupo. Isso significa que sou supervisora do posto quando estou de plantão. Trabalho em um turno de 24 horas, com 24 horas de descanso, em um ciclo de cinco dias. Depois tenho uma folga de quatro dias. Geralmente posso levar e buscar meus filhos na escola e temos tempo para fazer coisas à tarde. É fácil visitá-los na escola.

Estou com 40 anos e muito feliz com o que faço. Espero me aposentar aos 50, com 25 anos de

serviço. O próximo passo na minha carreira seria ser chefe de batalhão, trabalho que inclui o comando do combate a um incêndio ou da ação em um acidente. Não quero esse cargo ainda, mas daqui a cinco anos pode ser diferente.

Quando as pessoas me perguntam sobre mudança de profissão, digo que sigam seu coração. Se você não gosta daquilo que faz, não vai ter vontade de ir todos os dias para o trabalho. Tive um corte de US\$ 15 mil no salário quando fiz a mudança mas, na ocasião, dinheiro não significava nada para mim. Eu queria ser feliz. Tinha apenas 25 anos, sem filhos, com tempo e energia para buscar outra carreira.

Nem sempre me sinto satisfeita quando volto para casa após um plantão. Certamente, não temos sempre incêndios para combater. Mas há dias em que ajudamos uma criança a nascer ou salvamos a vida de um homem que estava tendo um infarto ou simplesmente fornecemos sacos de areia a uma mulher com medo de ver sua casa inundada durante uma tempestade. Essa mulher estava tão agradecida que me deu um abraço cheio de lágrimas e depois enviou um bilhete de agradecimento. É por isso que faço o que faço. ■

O Ingresso na Faculdade



Cortesia: Cúpula das Faculdades

Alunos participantes do programa da Cúpula das Faculdades redigem declarações pessoais para reforçar a solicitação de inscrição na faculdade

Organização americana em expansão trabalha para ajudar jovens a entrar na faculdade.

Esta é uma das questões realmente importantes da vida: Como ou onde encontrar sucesso na vida? E, afinal, o que é o sucesso?

Filósofos e gurus podem apresentar todos os tipos de respostas, mas há uma realmente fácil para alguém com 16 ou 17 anos nos Estados Unidos: faculdade.

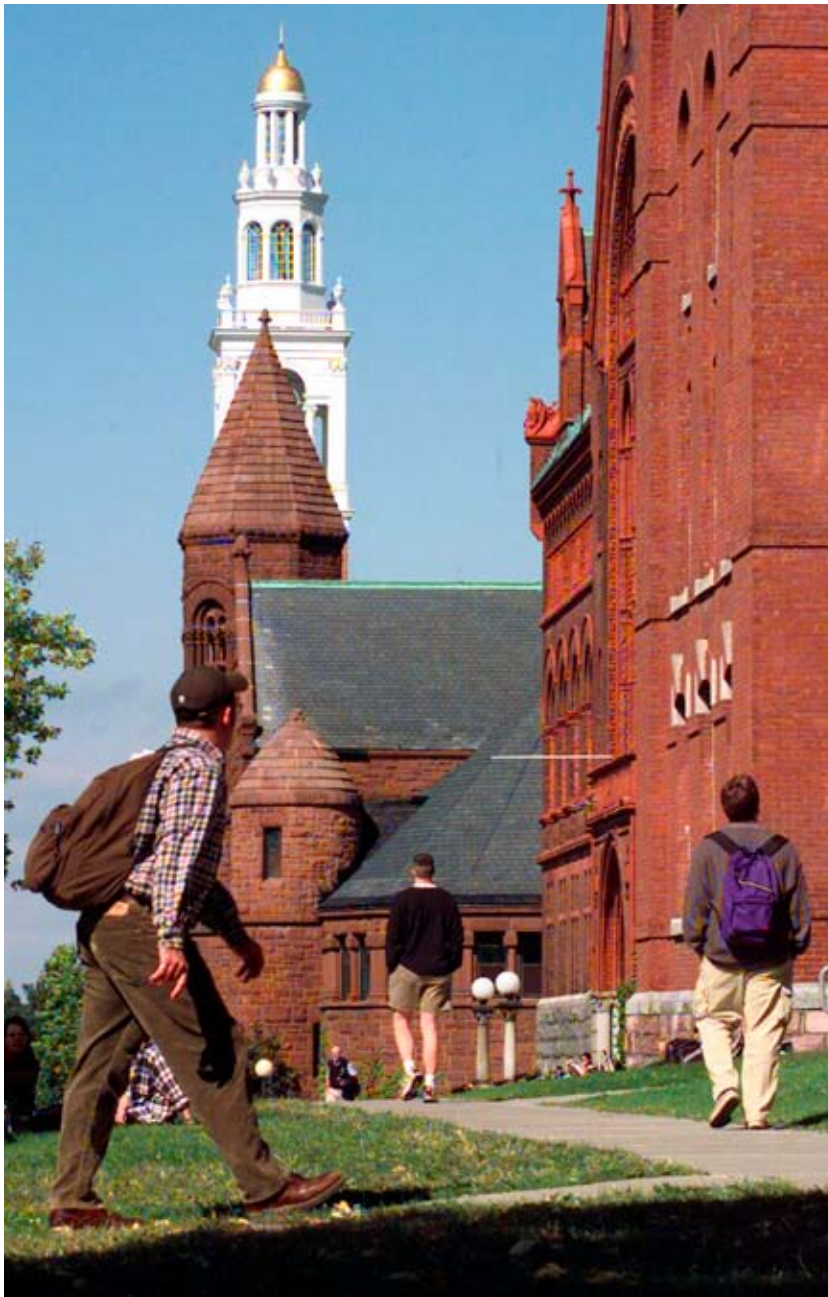
Pesquisas do governo dos EUA mostram que uma pessoa com diploma universitário ganhará cerca de US\$ 1 milhão a mais durante a vida do que uma pessoa com diploma do ensino médio.

A resposta pode ser fácil, mas depois vem a parte difícil. Como ingressar na faculdade? Qual delas escolher? Em qual delas você será aceito? Como pagar a faculdade?

A entrada na faculdade por si só demanda muito trabalho e pesquisa. A maioria dos jovens que conseguem fazê-lo tem a orientação e o incentivo dos pais durante o processo.

Mas pais que não cursaram o ensino superior estão em desvantagem quando tentam encaminhar os filhos para a faculdade. E os filhos dessas famílias geralmente não vêem a faculdade como meta, mesmo quando suas notas são suficientemente boas para a admissão.

É esse o trabalho que a Cúpula das Faculdades assumiu. A Cúpula é uma organização sem fins lucrativos fundada há 15 anos, quando quatro adolescentes de um bairro de baixa renda de Washington, DC, procuraram aconselhamento em um centro comunitário e pediram ajuda para ingressar na faculdade. O conselheiro era J.B. Schramm, e atualmente a Cúpula das Faculdades trabalha com alunos do ensino médio em dez estados americanos, atendendo 17 mil alunos do último ano do ensino médio que necessitam de estímulo para ingressar na faculdade. Com foco especial em estudantes de baixa renda, a Cúpula das Faculdades trabalha com os alunos durante todo o último ano do ensino médio para cumprir todos os prazos de admissão na faculdade. Uma parte igualmente importante do programa é a ajuda às escolas de ensino médio para construção de uma cultura de ingresso na faculdade entre todos os seus alunos. Os líderes



Alunos no campus da Universidade de Vermont em Burlington, Vermont

da organização compreenderam que quando os jovens vêem outros jovens entrando na faculdade — jovens muito parecidos com eles — todos começam a acreditar que também podem seguir o exemplo.

Esse efeito de propagação provoca ondas enormes, diz Schramm.

“O primeiro jovem de uma família a obter um diploma do ensino superior basicamente acaba para sempre com a pobreza na linhagem de sua família”, afirmou Schramm, fundador e diretor executivo da organização.

A Cúpula das Faculdades emprega uma estratégia usada no exército para preparar os alunos para a arrancada em direção à faculdade: *boot camp* (campo de treinamento). No jargão militar americano, *boot camp* é um período intensivo de treinamento básico durante o qual civis aprendem a ser soldados. Para a Cúpula das Faculdades, o *boot camp* é um período de quatro dias de imersão no qual os instrutores ajudam os jovens a enxergar além do diploma de ensino médio e se imaginarem alunos de faculdade e até alunos de pós-graduação.

Como a Cúpula das Faculdades demonstrou seu sucesso e ampliou parcerias com escolas e distritos escolares, a meta é criar expectativas maiores nas escolas de ensino médio. Embora há muito tempo o diploma do ensino médio seja uma meta por si só, o objetivo da Cúpula das Faculdades e de suas escolas parceiras é que os estudantes vejam a escola de ensino médio apenas como um ponto de partida para a próxima conquista.

Para que os alunos do último ano do ensino médio considerem a faculdade como o próximo passo depois da formatura, as escolas da Cúpula das Faculdades colocam ferramentas e cursos nas mãos de todos eles para desenvolverem o processo de planejamento pós-secundário. A Cúpula das Faculdades e as escolas parceiras reservam um tempo para essas atividades durante o dia de aula e fornecem capacitação para que os educadores possam oferecer aconselhamento e estímulo para as aspirações universitárias dos alunos.

A filosofia da Cúpula das

Faculdades não é a de que todos os alunos possam escolher uma universidade, mas a de que os alunos não deveriam perder a oportunidade porque a escola de ensino médio não os preparou.

“Nosso objetivo é que todos os alunos encontrem o caminho que lhes faça sentido”, disse Schramm, “seja ele uma faculdade de quatro anos, um diploma de dois anos, a carreira militar ou certificados de cursos profissionalizantes”. ■

O site da organização é <http://www.collegesummit.org>

Abra seus Olhos

Eldon Harmon



Foto: Frank Abbruzzese/Cortesia: Deloitte LLP

O ensaísta Eldon Harmon segue uma carreira de sucesso em empresa internacional após elevar suas aspirações no programa Cúpula das Faculdades

Jovem profissional bem-sucedido relembra momento decisivo na sua vida quando a Cúpula das Faculdades lhe ensinou como buscar oportunidades ao sair da graduação do ensino médio e passar para a formação universitária e uma profissão.

Eldon Harmon é hoje consultor da Deloitte LLP, uma das principais organizações prestadoras de serviços profissionais do mundo, e atua na área de Serviços de Gestão de Riscos Empresariais. Harmon também é voluntário na Cúpula das Faculdades, trabalhando com jovens em busca de seu futuro.

Minha mãe foi uma mulher que nos criou sozinha e que queria o melhor para seus filhos. Ela nos deu todo o amor e apoio que podia. Havia a possibilidade de nos depararmos com a violência e as drogas em cada esquina, de modo que criar dois garotos no lado leste de Nova York, bairro do Brooklyn da cidade de Nova York, não é tarefa fácil. Seu empenho para nos sustentar

e manter protegidos do nosso meio ambiente continua muito claro na minha memória. Sua influência sobre nós na fase de crescimento foi simplesmente extraordinária, mas quando chegou a hora de planejar o que fazer após o ensino médio, sua experiência sobre o processo para ingresso na faculdade era limitada.

Durante o ensino médio, minhas notas eram medianas e eu não tinha certeza do que queria fazer depois. Com uma média de aproximadamente 500 alunos para cada conselheiro-instrutor sobre faculdades na minha escola, eu não obtinha ajuda suficiente para pesquisar as opções que poderiam surgir para mim. Ao chegar ao último ano do ensino médio, em 1997, ouvi falar da Cúpula das Faculdades e resolvi fazer o workshop de redação realizado no verão porque isso me dava a oportunidade de sair do meu bairro no Brooklyn por alguns dias durante os dias quentes de verão. Também queria ver como era o programa, inclusive como me sentiria em um campus universitário.

Cheguei à Faculdade de Connecticut sem saber o que esperar. Na primeira noite tivemos uma “reunião informal” para discutir os obstáculos no caminho até à faculdade. Muitos dos outros jovens eram como eu: seriam os primeiros membros da família a ingressar num curso superior. Durante a reunião tivemos realmente abertura para expor nossas esperanças e temores sobre o futuro e os desafios que havíamos enfrentado no passado.

Reunidos nessa primeira noite do workshop, o que mais me impressionou foram as palavras do facilitador ao pedir que abrissemos os olhos e víssemos que, na realidade, nós éramos privilegiados por termos condições de entrar na faculdade. Várias gerações antes de nós nunca poderíamos ter sonhado com as oportunidades que estavam ao nosso alcance. Nunca tinha pensado em mim mesmo como alguém privilegiado, mas quando o facilitador explicou isso de modo tão claro, compreendi que eu tinha a responsabilidade de trabalhar duro e dar o melhor de mim.

Meu nível de otimismo sobre o futuro mudou naquele momento. Depois daquela noite meu modo de pensar mudou radicalmente. Até então, em geral, minha única preocupação era me virar de qualquer maneira ou fazer só o que era necessário. Depois dessa noite, queria provar que estava acima da média, quem sabe talvez fosse até mesmo um líder. A possibilidade de ir para a faculdade

e seguir uma grande carreira profissional finalmente parecia tornar-se realidade. Isso me motivou a iniciar um processo de inscrição para a faculdade e partir firmemente para a realização de entrevistas em várias instituições.

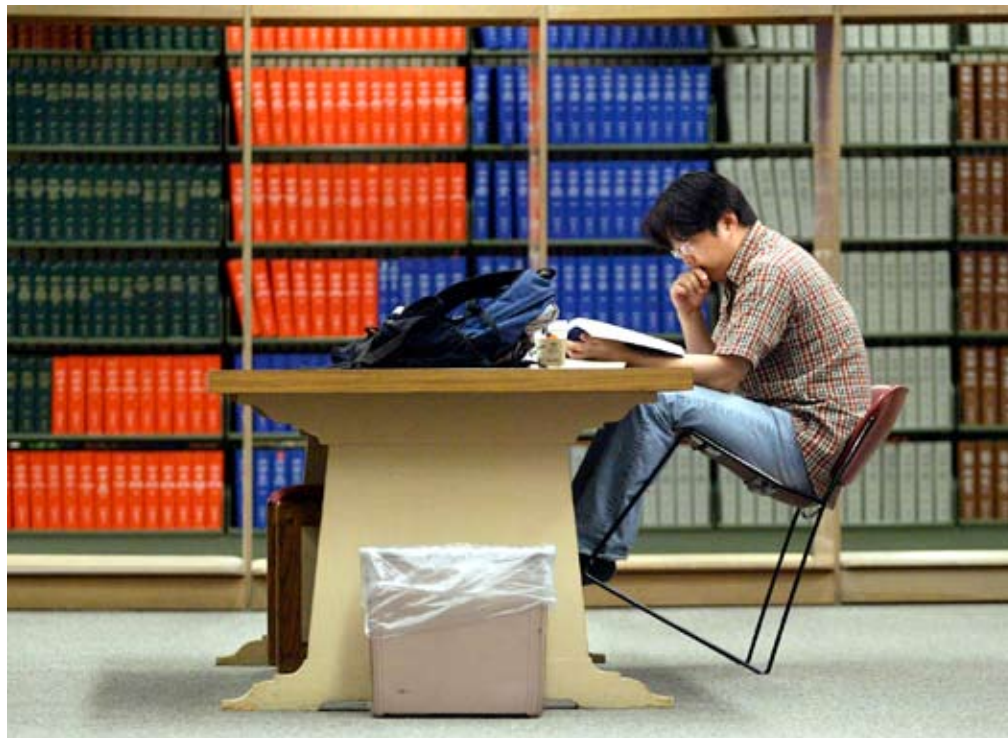
Ao retornar à escola de ensino médio para concluir meu último ano, sentia-me feliz por ter dado o salto inicial sobre o que precisava fazer para entrar na faculdade. Candidatei-me e fui aceito para o curso de graduação de Ciência Ambiental e Silvicultura na Universidade

Estadual de Nova York.

Em seguida obtive mestrado em Administração em Telecomunicações pela Universidade de Syracuse.

Não foi fácil meu início na faculdade. Eu me sentia em desvantagem do ponto de vista acadêmico e até pensei em desistir. Queria apenas estudar com afinco para aprender, mas logo descobri que para ter sucesso não era suficiente trabalhar por conta própria. Precisava me engajar e fazer parte da comunidade acadêmica, participar de grupos de estudos e agremiações, de forma a aprender com outros como melhorar o desempenho. Essa é uma lição que guardo até hoje.

Trabalho atualmente na Deloitte como consultor cuja tarefa é ajudar grandes organizações a lidar com riscos de segurança, e é uma grande coincidência que a empresa para a qual fui trabalhar — a Deloitte — oferece serviços financeiros e *pro bono* à Cúpula das Faculdades. Seus funcionários são também incentivados a contribuir com suas habilidades. Estava na empresa apenas há apenas alguns meses quando tomei conhecimento desse fato, e ficar a par do relacionamento da empresa com a organização que me ajudou tantos anos atrás me fez sentir que a Deloitte era o lugar certo para mim. A relação entre as duas organizações é tão forte que a Deloitte é a maior fonte de voluntários corporativos



Estudante se prepara para as provas finais na biblioteca da Universidade de Idaho

© Geoff Crimmins, Moscow-Pullman Daily News/AP Images

da Cúpula das Faculdades. No terceiro trimestre do ano passado, fui orientador voluntário no workshop da Cúpula e trabalhei individualmente com 14 alunos.

À medida que os alunos entravam na sala eu me lembrava da minha própria experiência de não ter idéia sobre onde queria chegar e nenhuma pista sobre por que deveria me esforçar. Desafiei esses jovens do mesmo modo que havia sido desafiado. Pedi que abrissem os olhos e sonhassem grande sobre o que poderiam fazer, pois qualquer coisa no mundo era possível. Essas conversas repletas de grandes idéias nos ajudaram a identificar o que era importante para eles e seu futuro, assim pudemos trabalhar juntos na busca das faculdades que melhor atendiam suas necessidades.

Ser ex-aluno da Cúpula das Faculdades realmente ajudou na relação com os alunos. Não apenas pude ver muito de mim mesmo neles, como penso que eles também puderam ver algo deles em mim, porque repetiam “se ele pode fazer isso, então também podemos”. Espero que os jovens que estão analisando o que fazer após o ensino médio pensem na minha história e vejam que as oportunidades estão lá, à espera, e que basta eles se abrirem e trabalharem com afinco para agarrá-las. ■

Jornada de Mudanças

Maggie Leffler



Cortesia: Katherine Brown

A autora aparece em sessão de autógrafos no lançamento do seu primeiro romance

Escolher uma profissão é difícil. Escolher duas profissões é mais difícil ainda. Mas a ensaísta Maggie Leffler escreve que a decisão de ser ao mesmo tempo romancista e médica foi a única escolha que pareceu mais adequada.

Maggie Leffler é médica, exercendo a medicina de família em Pittsburgh, Pensilvânia. Seu primeiro romance, The Diagnosis of Love [Diagnóstico do Amor], foi publicado em 2007. Seu segundo romance, The Goodbye Cousins [Os Primos do Adeus], será lançado em junho de 2009.

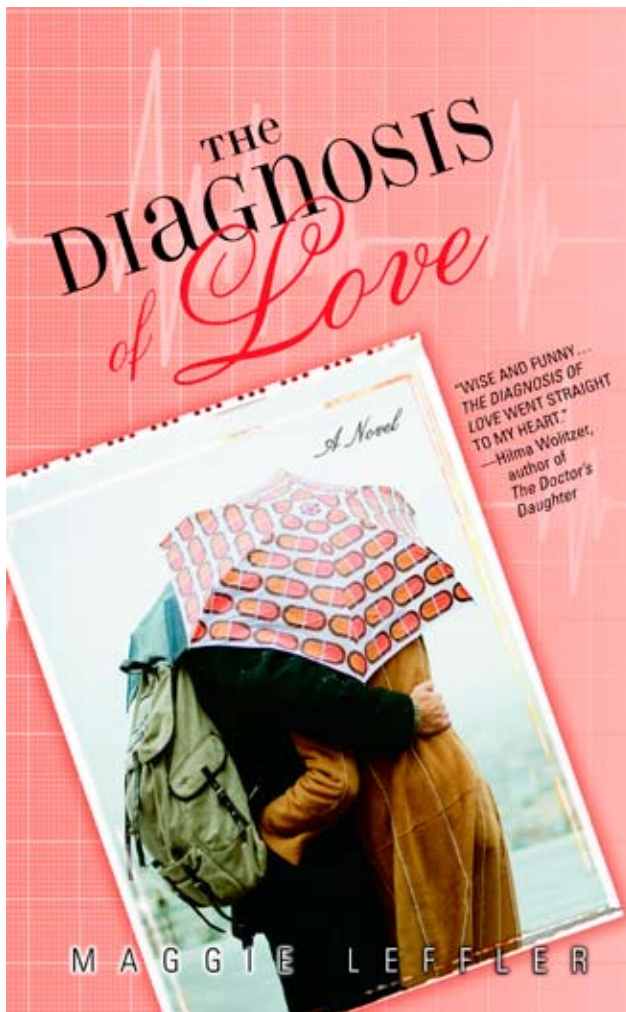
Tenho uma clara memória do Dia da Carreira na minha escola de ensino fundamental: eu, com 9 anos, usando maria-chiquinha, levantando a mão

e declarando voluntariamente que queria ser médica e escritora. Meu sonho foi recebido com mais descrença do que o do garoto que esperava jogar beisebol com os Baltimore Orioles [um time profissional].

Minha mãe e meu pai eram médicos, minha avó era romancista, e isso me inspirou, desde muito cedo, a querer realizar as duas coisas. Mais tarde, depois da morte de meus pais, compreendi que as duas profissões estavam ligadas pela sombra da minha própria mortalidade. Queria salvar a mim mesma e a meus entes queridos adquirindo conhecimento médico, mas também queria escrever algo que tivesse uma vida maior que a minha. Eu esperava somente, na hora certa, alcançar as pessoas enquanto tivesse a oportunidade. Essa foi a minha maior motivação para atender o chamado da medicina e é provavelmente a mesma razão que me leva a escrever.

Desde que aprendi a ler, adorava colocar minhas próprias palavras no papel, transformando minhas pequenas verdades próprias em uma história. Como aluna da escola de ensino fundamental, comecei a escrever o que chamei de “Os Cinco Grandes” contos, que tinham como modelo uma versão menos disfuncional da minha família. Ainda durante o ensino fundamental, passei para as novelas inspiradas em Judy Blume; na escola de ensino médio, escrevi uma peça; e, um ano depois de me formar na Universidade Delaware, terminei o meu primeiro romance não publicado. Não me lembro de nenhuma época em minha vida em que não tenha escrito.

A medicina, por outro lado, foi uma decisão consciente que me fez enfrentar dois grandes obstáculos: a ciência e os testes padronizados. O primeiro — inclusive química, física e química orgânica — não foi nada fácil para mim. O segundo — inclusive os Testes de Avaliação de Desempenho das Faculdades de Medicina [MCATs] — realmente desencadeou em mim ataques de pânico e me fez suar nas palmas das mãos em tal profusão que, naqueles tempos que antecederam as provas computadorizadas do conselho, eu tinha dificuldades para segurar até mesmo um lápis. Apesar disso, prossegui com os cursos “eliminatórios” exigidos, atravessei 16 semanas de



Cortesia: Bantam Dell

Após anos de trabalho, o primeiro livro de Maggie Leffler foi publicado pela Bantam Dell em 2007

inferno no curso de verão e passei pelas aulas de revisão do MCAT. No quarto trimestre do meu último ano de faculdade, me candidatei à escola de medicina.

Viajando como mochileira pela Áustria naquela primavera, usei o telefone público do albergue da juventude para ligar para casa, só para ficar sabendo que havia sido recusada pela 27ª escola de medicina para a qual eu havia me candidatado. Talvez eu tivesse me dedicado em demasia à literatura americana durante a faculdade; talvez eu não parecesse científica o suficiente.

De qualquer forma, minha mãe viu nos tristes fatos uma oportunidade: “Agora é a sua oportunidade de realmente sonhar. O que faria se pudesse fazer alguma coisa?”, perguntou a milhas de distância da linha telefônica. “Quero escrever livros para as pessoas lerem e relerem”, respondi. Na realidade, o que me veio à mente foi: “Vou ser médica.”

Era hora de eu ter o meu primeiro “emprego sério”: na Universidade de Maryland fazendo trabalho de bancada em um laboratório sem janelas secretamente

chamado por mim de “O Calabouço”. Sob a direção do meu principal pesquisador, realizei algumas técnicas de laboratório — medindo com micrômetros a distância percorrida pelas proteínas separadas por um gel, tendo o tempo todo a sensação de estar medindo os minutos de minha própria vida. No tempo ocioso, enquanto esperávamos que os reagentes fervessem e os cronômetros desligassem, eu aproveitava para escrever. Logo o principal pesquisador desistiu de me perguntar sobre a escola de medicina e passou a querer saber como estava indo o meu romance, o que interpretei como sinal de fracasso duplo. Afinal de contas, eu havia enviado mais cartas com perguntas para agentes literários do que inscrições para escolas de medicina. Nenhum dos agentes mostrou interesse em ler meu manuscrito, menos ainda em me representar. Tudo levava a crer que eu passaria a vida escrevendo palavras que ninguém leria e buscando uma profissão para a qual ninguém queria que eu entrasse.

Seis meses mais tarde, em um dia frio de janeiro, tomei um avião para a ilha de Granada para iniciar meus estudos na Universidade de St. George, uma escola de medicina perto do litoral que teve a coragem de me admitir, e — igualmente incrível — eu tive a coragem de frequentar. A vida em um país do mundo em desenvolvimento foi um período de descobertas das quais a mais importante foi: eu era inteligente, algo que eu havia começado a duvidar meses depois do recebimento do meu diploma de graduação. Em St. George, tive a idéia para um novo livro que terminei antes de minha formatura. Durante minha residência universitária em medicina de família em Pittsburgh, reescrevi o romance — e o reescrevi mais uma vez quando iniciei minha prática particular. No ano em que meu filho nasceu, *The Diagnosis of Love* foi selecionado para publicação.

Esses anos no hospital me ensinaram que a arte de escrever e a medicina não são tão diferentes assim. A cada dia, os pacientes me privilegiam com suas histórias tortuosas, as quais passam pelo meu filtro de busca dos pontos mais importantes, obrigada pelo meu ofício a sacrificar os detalhes que mais gosto pelos que realmente importam para a história dos problemas dos pacientes. Eu me sinto honrada em ser a “editora-fantasma” necessária para suas histórias.

Esta tem sido uma jornada de mudanças — tanto em minhas próprias narrativas quanto em minhas expectativas pessoais: nunca planejei deixar meu país para estudar medicina, mas essa experiência me deu algo sobre o que escrever. E na profissão médica, como na produção literária, a mudança de idéias e de pensamento não acaba nunca. Escolhas são feitas a cada dia: que conceitos antigos posso largar; o que posso manter? A medicina trata do aperfeiçoamento de um ideal ilusório; na arte de escrever, há sempre outro rascunho.

Tornei-me o que queria ser quando crescesse, mas ainda estou em transformação. ■

Recursos Adicionais

Livros, artigos, sites e filmes sobre a escolha de uma carreira

LIVROS

Bolles, Mark E. e Richard N. Bolles. *Job-Hunting Online: A Guide to Job Listings, Message Boards, Research Sites, the UnderWeb, Counseling, Networking, Self-Assessment Tools, Niche Sites [Procurando Emprego On-Line: Guia para Listas de Empregos, Fóruns, Sites de Pesquisa, Underweb, Aconselhamento, Redes de Contato, Ferramentas de Auto-Avaliação, Sites de Nicho]*, 5ª edição. Berkeley, Califórnia: Ten Speed Press, 2008.

Bolles, Richard N., Carol Christen e Jean M. Blomquist. *What Color Is Your Parachute? For Teens: Discovering Yourself, Defining Your Future [Qual a Cor do Seu Pára-Quedas? Para Adolescentes: Descobrimo-se e Definindo Seu Futuro]*. Berkeley, Califórnia: Ten Speed Press, 2006.

Brooks, David. *On Paradise Drive: How We Live Now (and Always Have) in the Future Tense [A Caminho do Paraíso: Como Vivemos Hoje (e Sempre Vivemos) no Tempo Futuro]*. Nova York, Nova York: Simon & Schuster, 2004.

Danziger, Sheldon e Cecilia E. Rouse, orgs. *The Price of Independence: The Economics of Early Adulthood [O Preço da Independência: A Economia no Início da Vida Adulta]*. Nova York, Nova York: Russell Sage Foundation, 2007.
<http://www.princeton.edu/pr/pwb/08/0505/econ/>

Erickson, Tamara J. *Plugged In: The Generation Y Guide to Thriving at Work [Conectados: Guia para a Geração Y Desenvolver-se no Trabalho]*. Boston, Massachusetts: Harvard Business Press, 2008.

Fields, Bea, org. *Millennial Leaders: Success Stories from Today's Most Brilliant Generation Y Leaders [Líderes Millennials: Histórias de Sucesso dos Líderes Atuais Mais Brilhantes da Geração Y]*. Nova York, Nova York: Morgan James, 2008.

Gavin, Michelle D., org. *A Work in Progress: The Prospects and Potential of the World's Youth [Trabalho em Curso: As Perspectivas e o Potencial da Juventude Mundial]*. Nova York, Nova York: International Debate Education Association, 2008.

Howe, Neil e William Strauss. *Millennials Rising: The Next Great Generation [O Surgimento dos Millennials: A Próxima Grande Geração]*. Nova York, Nova York: Vintage Books, 2000.

Huntley, Rebecca. *The World According to Y: Inside the New Adult Generation [O Mundo Conforme a Geração Y: Meandros da Nova Geração Adulta]*. Crows Nest, New South Wales, Austrália: Allen e Unwin, 2006.

The Millennials: Americans Born 1977 to 1994 [Os Millennials: Americanos Nascidos de 1977 a 1994], 3ª edição; dos editores de *New Strategist*. Ithaca, Nova York: New Strategist Publications, 2006.

Pink, Daniel H. *The Adventures of Johnny Bunko: The Last Career Guide You'll Ever Need [As Aventuras de Johnny Bunko: A Última Palavra em Guia de Carreiras]*. Nova York, Nova York: Riverhead Books, 2008.

Pink, Daniel H. *A Whole New Mind: Moving from the Information Age to the Conceptual Age [Uma Mente Completamente Nova: Da Idade da Informação para a Idade Conceitual]*. Nova York, Nova York: Riverhead Books, 2005.

Sutherland, Anne e Beth Thompson. *Kidfluence: The Marketer's Guide to Understanding and Reaching Generation Y: Kids, Tweens, and Teens [Kidfluence: Guia do Profissional de Marketing para Compreender e Influenciar a Geração Y: Crianças, Pré-Adolescentes e Adolescentes]*. Nova York, Nova York: McGraw-Hill, 2003.

Livros dos colaboradores

Rennicke, Jeff. *Treasures of Alaska: Last Great American Wilderness [Tesouros do Alasca: A Última Grande Imensidão Americana]*; fotografias de Michael Melford. Washington, DC: National Geographic, 2001.

Scheib, Walter and Andrew Friedman. *White House Chef: Eleven Years, Two Presidents, One Kitchen [Chef da Casa Branca: Onze Anos, Dois Presidentes, uma Cozinha]*. Hoboken, Nova Jersey: J. Wiley, 2007.

ARTIGOS

"Briefing Strategies: Generation Y: Marketing to the Young Ones (18-26s)" ["Estratégias em Síntese: Geração Y: Marketing para os Jovens (18-26s)"]. *Euromonitor International*, setembro de 2007.
[http://www.euromonitor.com/Generation_Y_Marketing_To_The_Young_Ones_\(18_26S\)](http://www.euromonitor.com/Generation_Y_Marketing_To_The_Young_Ones_(18_26S))

Brooks, David. "The Organization Kid" ["A Organização Criança"], *Atlantic Monthly*, vol. 287, no. 4 (abril de 2001): pp. 40-54.

Farrell, Andrew. “The World’s Richest Dropouts” [“As Desistências Escolares Mais Ricas do Mundo”], Forbes, 30 de junho de 2008.

http://www.forbes.com/businessbillionaires/2008/06/30/billionaires-education-college-biz-billies-cx_af_0630billiedropouts.html

RECURSOS NA INTERNET

Governo

Americorps

Programa nacional de serviços aos jovens.
<http://www.americorps.gov>

Career Voyages

Esforço conjunto do Departamento de Trabalho e do Departamento de Educação dos EUA oferece pôsteres, folhetos e informações sobre ocupações e indústrias relacionadas à carreira.
<http://www.careervoyages.gov/index.cfm>

EDU411

Site do governo dos EUA que serve como portal para várias informações sobre ensino superior e escolha da carreira. Finding Yourself: Top Personality and Career Tests on the Web
<http://www.edu411.org/programs/>
Encontre-se: Personalidades Importantes e Testes de Carreira na Internet
http://www.edu411.org/featured_articles/Finding_Yourself_Top_Personality_and_Career_Tests_on_the_Web/

Centro de Recursos O*NET

A Rede de Informação Ocupacional (O*NET), site patrocinado pelo governo, oferece ampla variedade de informações sobre empregos.
<http://www.onetcenter.org/links.html>

Associações

Associação Internacional de Profissionais de Carreira

Associação especializada em todos os aspectos de serviços relacionados à carreira, inclusive gestão e transição de carreira, avaliações, orientação, retenção de talentos e consultoria organizacional.

Cúpula das Faculdades

Essa organização não-governamental trabalha para dar a estudantes do ensino médio promissores, mas carentes, incentivos para a vida adulta patrocinando treinamentos em faculdades, orientando-os e preparando-os para as fases de inscrição, seleção e ajuda financeira.
<http://www.collegesummit.org/>

EdVenture Partners

A organização proporciona a universitários experiência profissional em marketing no mundo real, em parceria

com empresas/governo/clientes organizacionais.
<http://www.edventurepartners.com>

Associação Nacional de Faculdades e Empregadores (NACE)

A NACE faz a ligação entre empregadores e escolas e estudantes e realiza ampla pesquisa de universitários.
<http://www.naceweb.org>

Universum

Com foco no marketing e na divulgação de marcas, essa empresa conduz pesquisa anual entre estudantes do último ano de faculdade nos EUA e em todo o mundo a fim de determinar tendências nas escolhas de emprego.
<http://www.universumglobal.com>

FILMOGRAFIA

Os Balconistas (1994)

<http://www.imdb.com/title/tt0109445/>

Produtor: Miramax Films

Sinopse: Um dia na vida de dois balconistas de loja de conveniência chamados Dante e Randal, o modo como irritam os clientes, discutem cinema e jogam hóquei no telhado da loja.

Duração: 89 minutos

O Sucesso a Qualquer Preço (1992)

<http://www.imdb.com/title/tt0104348/>

Produtor: New Line Cinema

Sinopse: Estudo sobre as maquinações nos bastidores de um escritório imobiliário.

Duração: 100 minutos

A Primeira Noite de um Homem (1967)

<http://www.imdb.com/title/tt0061722/>

Produtor: Embassy Pictures

Sinopse: O recém-formado Benjamin Braddock busca seu rumo na vida e se envolve em complicações românticas.

Duração: 105 minutos

Brigada 49 (2004)

<http://www.imdb.com/title/tt0349710/>

Produtor: Touchstone Pictures

Sinopse: Sob o olhar vigilante de seu mentor, um bombeiro em período experimental envelhece como um veterano experiente em um corpo de bombeiros em Baltimore, Maryland.

Duração: 114 minutos

Uma Secretária de Futuro (1988)

<http://www.imdb.com/title/tt0096463/>

Produtor: 20th Century Fox

Sinopse: Quando a idéia de uma secretária é roubada por sua chefe, ela aproveita uma oportunidade para roubá-la de volta fingindo ser a chefe.

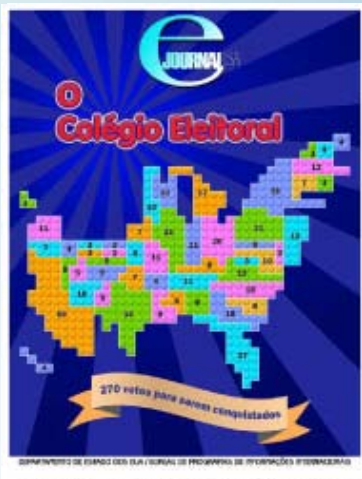
Duração: 113 minutos



America.gov
Telling America's Story

Home page de eJournal USA

<http://www.america.gov>



**REVISTA
MENSAL
OFERECIDA
EM
DIVERSOS
IDIOMAS**

